

Diário de Lisboa

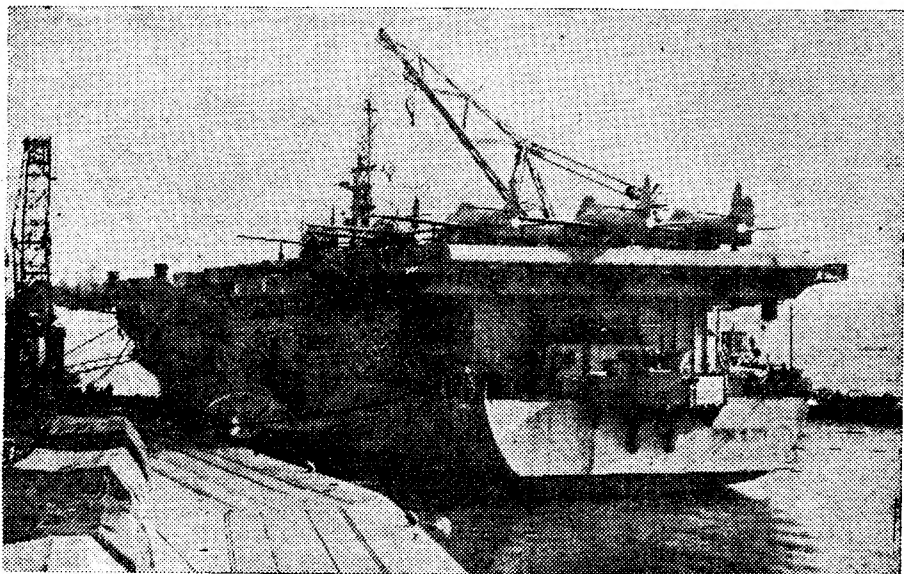
DIRECTOR — JOAQUIM MANSO
DIRECTOR-ADJUNTO — NORBERTO LOPES

TELEFONES: 20271, 20272 e 20273
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: DIBOA

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: 80 CENTAVOS



O porta-aviões «Tripoli» atracado em Santa Apolónia

Vinte e cinco aviões de jacto

chegaram hoje dos Estados Unidos
para as forças aéreas portuguesas

No acto da entrega discursaram

o embaixador americano e o ministro da Defesa

Chegou hoje, de manhã, ao Tejo o porta-aviões americano «Tripoli», com vinte e cinco aviões por jacto, do tipo F-84, o que de mais moderno se fabrica nos Estados Unidos, que constituem o primeiro grupo cedido para equipamento das Forças Aéreas Portuguesas.

Às 7 horas, o «Tripoli» entrou na barra de Lisboa, atracado, cerca das 10 horas, ao cais de Santa Apolónia. Depois da manobra da atracação, entraram a bordo o adido naval americano e um oficial da Força Naval da Metrópole. A assistir à manobra de atracação, esteve o sr. capitão-tenente Santiago Ponce, comandante da Polícia Marítima.

Pouco tempo depois do navio ter atracado, começou o desembarque dos vinte e cinco aviões, que foram transportados pela cábrea flutuante do Porto de Lisboa para o cais do Poço do Bispo e dali seguiram rebocados por carros do Exército para o Aeroporto de Lisboa.

Às 15 horas, realizou-se a bordo, com grande aparato, a cerimónia da entrega oficial ao Governo português dos referidos aparelhos. Compareceu o sr. ministro da Defesa Nacional e estavam presentes os srs. Cavendish Cannon, embaixador dos Estados Unidos; almirante Ortins de Bettencourt, chefe do Estado-Maior das Forças Armadas; generais Alfredo Sintra, chefe do Estado-Maior das Forças Aéreas, e Frank Camm, chefe da missão militar americana, acompanhado por todos os componentes da referida missão; comandante Fluckey, adido naval dos Estados Unidos, todo o pessoal da embaixada americana e algumas dezenas de aviadores das nossas forças aéreas.

(Continua na página seguinte)

Um petroleiro português vai dar a volta ao Mundo e levar combustíveis para o Japão

Largou do Tejo para efectuar uma viagem de circunavegação e, simultaneamente, levar combustíveis para o Japão, em regime de freteamento, e trazer, no regresso, um carregamento de gasolina e de petróleo para Portugal, um dos nossos maiores petroleiros — o «Cercal» — sob o comando do sr. capitão Dionísio de Jesus.

Ainda que a função dos navios seja correr todos os mares e fomentar o intercâmbio económico entre continentes e nações, esta viagem do «Cercal» merece, por circunstâncias particulares, uma referência especial, além de ser, desde épocas remotas, a primeira volta ao Mundo por um navio mercante português incluindo as travessias dos dois canais — o Panamá e o Suez.

Se bem que a nossa frota de petroleiros — de recente criação — esteja ainda totalmente ocupada com o serviço de abastecimento do País em combustíveis líquidos, verificou-se que, devido a alterações no ritmo desse abastecimento, seria possível dispensar, por exemplo, o «Cercal», como há anos se pôde fazer com o «Marão» (que foi ao Brasil e à Índia) e pô-lo no mercado internacional de transporte de combustíveis, medida que não só nos traz economia de divisas como até apreciáveis vantagens sob esse aspecto.

E, facto curioso a registar: o nosso País que, há 12 anos, não dispunha praticamente de um petroleiro para o seu abastecimento, pode agora colaborar no transporte internacional de petroleiros, distraído navios para cooperar no abastecimento de países estrangeiros e longínquos. Isto constitui um dos índices reveladores do renascimento da nossa Marinha Mercante e das suas actuais possibilidades.

(Continua na página central)



A glória de atingir o mais alto ponto da Terra — o pico do Everest — tem sido disputada renhidamente entre os mais audaciosos alpinistas. Depois da expedição suíça, um grupo de escaladores ingleses vai tentar a sua «chance». Aqui os vemos, ensaiando o equipamento de oxigénio, numa experiência realizada em North Wales. Oxalá desta vez a tentativa frutifique e o até agora inacessível cume seja vencido por estes valorosos desportistas.

Festejou-se

esta manhã

o dia de S. Vicente

padroeiro de Lisboa



O presidente e vereadores da C. M. L. assistindo à cerimónia na Sé

Promovida pelo Patriarcado e com a colaboração da Câmara Municipal, efectuou-se hoje condignamente — a exemplo dos anos anteriores — a festa do martir S. Vicente, padroeiro de Lisboa, com uma missa solene de pontifical celebrada pelo sr. cardeal-patriarca, na Sé. Pouco antes das 10 e 30, hora marcada para o começo da cerimónia, em que foram utilizados no Santo sacrifício da missa os riquíssimos paramentos vermelhos bordados a ouro da época de D. João V, chegou o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, que à entrada foi aguardado pelos componentes do cabido e mais clero, remanistas, Irmandade do Santíssimo, presidentes, vereadores e altos funcionários do Município.

O eminente purpurado, depois de paramentado, esteve na capela do Santíssimo, onde orou e seguiu depois processionalmente para a capela-mor, onde recebeu a obediência do cabido. Deu depois começo à missa solene de pontifical de rito joanino, tendo como brevíter assistente o rev.º cônego José Amaro Teixeira, vice-reitor do Seminário dos Olivais, e diaconos de honra, os rev.ºs António Campos e Filipe Cardoso e de missa o rev.º cônego Fernando Duarte e um seminarista dos Olivais.

(Continua na página central)

A morte do prof. Fezas Vital



Prof. Fezas Vital

A notícia da morte do sr. prof. dr. Domingos Fezas Vital foi conhecida esta manhã e logo numerosas pessoas compareceram na igreja de S. Sebastião da Pedreira, em cuja capela anexa se rezou missa de corpo presente às 10 e 30, procedendo-se imediatamente à trasladação da urna para o templo, por ser pequena a capela para tão elevado número de pessoas. Entre outras individualidades estiveram ali as infantas

(Continua na 11.ª página)

OS COLABORADORES DE EISENHOWER

Wilson não está disposto a desfazer-se das acções da General Motors para ser secretário da Defesa

WASHINGTON, 22.—Espera-se que o presidente Eisenhower tome dentro das próximas 24 horas a sua primeira grande decisão como presidente, num esforço para pôr termo à actual controvérsia sobre a proposta nomeação do multimilionário Charles Wilson para secretário da Defesa.

Surgiram divergências entre a comissão responsável do Senado e Wilson, antigo presidente da General Motors, sobre se ele deverá reter pessoalmente uma soma de 2 milhões e meio

de dólares em acções daquela companhia.

Os senadores pensam que de acordo com uma lei específica sobre o assunto, assim como com os altos princípios de integridade, Wilson deveria vender as suas acções se deseja ser chefe do Departamento que controla os contratos do Governo com a General Motors.

Wilson, que teria de pagar algumas

(Continua na última página)

Acabam hoje

as provas do concurso da Faculdade de Medicina

O último dia do concurso para professor extraordinário da Faculdade de Medicina de Lisboa atraiu, como as anteriores provas publicas, numerosa assistência ao salão nobre daquela escola superior. O juri, presidido pelo reitor da Universidade, entrou na sala, cerca das 14 horas, para ouvir a leitura dos relatórios das provas práticas do dr. Oliveira Machado. Este candidato procedeu a essa leitura durante cerca de meia-hora.

Em seguida, o prof. Aureliano Pessegueiro, da Faculdade de Medicina do Porto, designado para argumentar nesta ultima prova, cumprimentou o juri e fez o elogio rasgado do candidato, salientando a forma clara como redigiu os seus relatórios e as qualidades de inteligência que revela, classificando-o como um «clínico notável». Manifestou, depois, algumas discordâncias sobre as conclusões do relatório clínico, acerca do qual o sr. dr. Oliveira Machado voltou a falar, para dar alguns esclarecimentos. O argente deu-se por satisfeito, afirmando que o candidato mostrava bem que as suas afirmações elogiosas do começo não haviam sido gratuitas, mas sim justíssimas.

Depois de um curto intervalo, o juri voltou a reunir-se para ouvir o dr. Moraes David ler o relatório das suas provas práticas. Após esta leitura, que demorou uns trinta minutos, o dr. Mário Moreira principiou a sua argumentação com uma introdução sobre as qualidades que em seu entender, deve ter o professor universitário. Disse que não são apenas as qualidades clinicas que podem indicar a escolha de um candidato, mas sim as provas da sua curiosidade científica, traduzidas no seu «currículum vitae». Referiu-se, seguidamente ao sr. dr. Moraes David, elogiando a sua actuação como clínico e como investigador e afirmando que muito tem aprendido no seu convívio, desde o início da sua carreira médica.

Depois de o sr. dr. Moraes David apresentar a sua argumentação, o juri reuniu-se para dar a sua decisão.

PEQUENAS NOTÍCIAS

PELA POLICIA

UM MONTA-CARGAS ROUBADO E ABANDONADO—Apareceu, abandonado, em Benfica, em terrenos de campo, um monta-cargas, que é um engenho enorme. Supõe-se que tenha sido roubado, e depois abandonado, em vista da dificuldade de transacção. O agente Albano, da Polícia Judiciária, foi encarregado de investigar o caso. O monta-cargas está sob a vigilância da P. S. P.

AGRESSÕES

MÁ HOSPEDE—António da Costa, de 68 anos, empregado no comércio e residente na Rua Luciano Cordeiro, 35, rés-do-chão, foi hoje agredido á facada por Maria Amélia Gomes, de 43 anos, sua hospede e que já lhe deve dez meses de aluguer dum quarto. O agredido recebeu curativo no Hospital de S. José, e a agressora fugiu, mas acabou por ser presa na Rua Nogueira e Sousa.

DESASTRES

TRUCIDADO POR UM COMBOIO—Quando procedia á limpeza das trepadeiras, existentes junto da passagem de nível da Rocha do Conde de Obidos, foi trucidado pelo comboio da linha de Cascais o trabalhador camarário, João Nunes, morador no Casal Ventoso de Baixo. Verificado o óbito no Hospital de S. José, o cadáver foi transportado para o Necrotério.

COLHIDA POR UMA VACA—Maria Ferreira, de 32 anos, moradora em Vialonga, foi hoje, ao passar pelo Matadouro de Paço de Arcos, acometida por uma vaca mansa que lhe produziu contusões, de que teve de receber curativo no Hospital de S. José.

CONFERÊNCIAS

É hoje que o sr. brigadeiro Nunes da Ponte evocará na Sociedade de Geografia a figura heroica do governador negro da Guiné, Honório Barreto, numa conferencia que se realiza ás 21 e 30.

—Hoje á noite, pelas 21 e 30, no Instituto Português de Oncologia, o sr. dr. Tito de Noronha pronunciará uma conferencia subordinada ao tema «Melanomas».

QUEM PERDEU?

No Bairro das Colónias, foi encontrado um anel que será entregue a quem provar pertencer-lhe. Informa o telefone 52120.

DE LUTO

Armando Marques Barbosa

SEIXAS DO MINHO, 22.—Faleceu o sr. Armando Marques Barbosa, de 55 anos, que foi industrial no Lobito. Era casado com a sr.^a D. Mariapa da Cruz Barbosa, pai das sr.^{as} D. Ammanda da Cruz Barbosa e D. Julia da Cruz Barbosa e sogro do sr. António Malheiro.

SUFRAGIOS

Antonio Domingos Neves

Pela passagem do primeiro aniversário do falecimento do sr. António Domingos Neves a União Progressiva da Freguesia de Colmeal organiza, no próximo dia 25, pelas 10 horas, uma romagem á sua campa, no cemitério do Alto de S. João, e ás 12 mandará dizer missa por sua alma, na igreja do Coeginho, ao Socorro.

O PORTO pelo telefone

Exposição dum grande pintor

PORTO, 22.—Após 8 anos de ausência desta cidade, abriu aqui hoje a sua 2.^a exposição o grande artista Portela Junior. Os seus trabalhos, poucos em quantidade, mas de excelente qualidade, estão patentes ao publico no salão nobre do Ateneu Comercial do Porto e constituem uma notável galeria de arte. Portela Junior é um grande artista que, na figura humana, e nos quadros regionais, de nitido sentido português, se pode considerar um dos melhores e mais expressivos da nossa época. A sua paleta tem, por vezes, opulências luminosas de Malhoa. Os seus tipos rurais são verdadeiros, humanos, flagrantes da sua realidade de trabalho. Sobre tudo, os do Alentejo, de uma forte substancia rastica, e com toda a indumentária local, o que lhes dá um sabor próprio.

Portela Junior expõe também magníficos retratos, onde a sua visão prospectou intensamente a alma do modelo, bem como paisagens, modalidade nova, mas também perfeita, neste excepcional artista plástico que, de certo modo, podemos dizê-lo, renovou não apenas os temas, mas ainda os valores da cor.

A exposição de Portela Junior constitui, sobre todos os aspectos, um admirável acontecimento artístico para a capital nortenha. Digamos antes: é um valioso museu documental. Tem sido visitadíssima.

Incêndio numa habitação

Ao princípio da tarde, manifestou-se incêndio no rés-do-chão de um prédio habitado por Manuel Pinto, no lugar de Passos, Oliveira do Douro, Gaia. O fogo foi originado pela explosão de uma máquina de petróleo e propagou-se rapidamente ao recheio da casa e ao travejamento, sendo extinto pelos bombeiros municipais de Gaia, voluntários de Avintes, Aguda e Carvalhos. Os prejuizos não são de grande importância e estão cobertos pelo seguro.

Falecimento

Com 83 anos, faleceu a sr.^a Katherine Dagge, de nacionalidade britânica, moradora na praia de Lavadores. O funeral, a cargo da casa Al-berte Xavier, efectua-se, amanhã, ás 16 horas, na capela do cemitério britânico.

A cerimónia da entrega

de 25 aviões de jacto a Portugal

(Continuação da pág. anterior)

Depois de receber os cumprimentos do comandante do «Tripoli», o sr. tenente-coronel Santos Costa e outras personalidades presentes subiram á pista de voo, subindo num dos elevadores de aviões. Depois de observarem os aparelhos que ali estavam alinhados, as referidas personalidades reuniram-se no centro da pista.

Palavras do embaixador americano

O sr. Cavendish Cannon, embaixador dos Estados Unidos, pronunciou então o seguinte discurso:

«Quando, há quatro anos, foi assinado em Washington o Tratado do Atlantico Norte, o delegado português disse: «Mais do que nunca é necessário defender os princípios e as posições que os povos que são depositários dos ideais da civilização ocidental ocupam no Mundo».

Estas palavras são mais do que verdadeiras em 1953. Desde 1949 que o Mundo tem sido afastado dos objectivos pacíficos que todos tão profundamente desejamos. De facto, a agressão comunista na Coreia com todas as suas consequências trouxe-nos uma nova compreensão do perigo que defronta a nossa civilização. Tornou-se mais do que nunca necessário para as nações ocidentais, orgulhosas da sua civilização, manterem-se firmes na sua determinação de a defenderem.

O artigo 3.^o do Tratado do Atlantico Norte estipula que as nações signatárias, «tanto individualmente como em conjunto, manterão e desenvolverão, de maneira continua e efectiva, pelos seus próprios meios e mediante mutuo auxilio, a sua capacidade individual e colectiva para resistir a um ataque armado».

Os Estados Unidos reconhecem inteiramente essas duas responsabilidades, individual e em comum com os seus amigos ocidentais, e estão

decididos a cumprir a sua parte na concretização daquele artigo assim como de todos os outros do referido Tratado.

Estes aviões de jacto «F-84» que são hoje entregues a Portugal fazem parte de um constante affluxo de material fornecido pelos Estados Unidos para fins de defesa. São dos ultimos modelos e orgulho-me de os ver adicionados aos tanques, «jeeps», canhões e equipamento para a construção de aeródromos já recebidos dos Estados Unidos. Sei que os habéis pilotos portugueses os manobrarão com a sua habitual técnica, pois o elevado padrão que Portugal tem estabelecido para a manutenção do seu equipamento militar é justamente famoso.

A preparação da defesa do Ocidente impõe-nos ainda maiores responsabilidades. Hoje, ninguém duvida da necessidade deste esforço e do êxito da nossa decisão comum de manter a paz no Mundo; e pôr ponto final a outras agressões será a recompensa para tão pesado fardo.

Portugal tem dado amplas provas de que possui o sentido das suas responsabilidades. Compreende os perigos da situação mundial. É membro sempre pronto da família das nações ciosas da sua liberdade e decididas a mantê-la. É, portanto, para mim uma honra e um prazer cumprimentar V. Ex.^a e receber neste cais esta remessa de aviões de jacto, contribuição do povo americano, dentro do conceito do auxilio mutuo, para o espiêndido esforço do povo português ao erguer as suas defesas contra os perigos de agressão».

O discurso do ministro da Defesa

Falou a seguir o sr. ministro da Defesa Nacional, que disse desejar aproveitar aquela oportunidade para agradecer ao embaixador dos Estados Unidos, ao ministro James Minotto e ao general Camm a sua consideração e os agradecimentos das forças armadas portuguesas pela forma como têm assistido á nossa preparação militar. Afirmou que nada se deve ao acaso ou ao improviso e disse que a atenção do Governo português é permanente para todos os problemas que dizem respeito á liberdade do nosso povo no Mundo. Falando da posição de Portugal no Pacto do Atlantico, o ministro disse que o nosso País assumiu, com toda a firmeza, responsabilidades a que não faltará.

Disse que o ano de 1953 será decisivo para a nossa defesa, acentuou que já se procedeu ao aumento dos quadros das nossas forças aéreas e navais e disse que, durante este ano, com pequenos intervalos, muito material de guerra chegará aos nossos portos.

A terminar, o sr. tenente-coronel Santos Costa afirmou que os Portugueses nunca se esquecem dos compromissos que assumem, e acentuou que, neste momento, mais do que nunca é preciso defender a posição e a existência dos povos ocidentais. Terminou com esta frase:

—Posso assegurar-lhe, sr. embaixador, que nós os Portugueses não faltaremos.

Em seguida, as entidades presentes, assistiram ao desembarque de alguns aparelhos.

Foi prestada homenagem

a um chefe da P. S. P.

Os guardas da 2.^a esquadra da Polícia de Segurança Publica, instalada no edificio do Ministério do Interior, prestaram esta manhã homenagem ao seu chefe, sr. Desidério Fernandes, em cujo gabinete descerraram o seu retrato. Na cerimónia usaram da palavra o sr. capitão Antonio Veiga Fialho, comandante da 1.^a d'visão de Lisboa, daquela corporação, e guarda Manuel Pinto, os quais puseram em relevo as qualidades do homenageado.

O chefe Desidério Fernandes agradeceu, no final, a prova de estima dos seus subordinados.

UM TRIPULANTE DO «VERA CRUZ»

morreu no Rio de Janeiro

RIO DE JANEIRO, 22.—O marinheiro Honorato Vieira, da tripulação do paquete «Vera Cruz», da C. C. N., que sofreu em viagem um acidente, caindo ao mar, foi internado logo que o barco chegou a esta cidade, na Beneficência Portuguesa. Operado imediatamente, e apesar de todos os esforços dispensados pelos médicos, não resistiu á gravidade do acidente. O seu corpo foi sepultado no cemitério de S. Francisco Xavier.—(Lusitania).

Conserve a mocidade do seu rosto!

Crème BENAMOR

introduz-se fácil e profundamente nos poros, tonificando as células dérmicas e evitando o envelhecimento dos tecidos que origina as rugas, manchas e asperezas da epiderme.

O **Crème BENAMOR** é um produto incomparável que não pode ser suplantado por nenhum outro creme de beleza, nem mesmo pelos das melhores marcas estrangeiras. Dará ao seu rosto uma permanente mocidade e um maravilhoso aspecto — mate e oveludado.

rally
PREÇO 7\$50
(só incluído)

NINA
BOITE DE NUIT

ARTISTA DE QUE TODOS FALAM

LOLITA SEVILLA

Reserve a sua mesa — Actua á 1,30 e 2,30 — (Para adultos)

CAFÉ DE PRIMEIRA
SEM FILTRO NEM CAFETEIRA

Instantâneo!... Um pouco de Nescafé, água bem quente, açúcar á vontade... eis pronto o seu café delicioso e aromático.

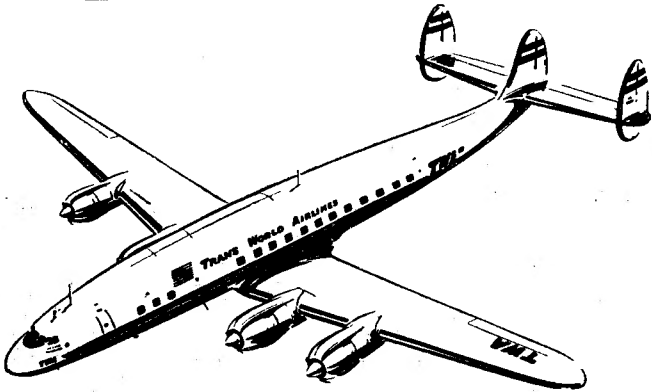
NESCAFÉ
com ou sem cafeína

PENITROL

PASTILHAS DE PENICILINA
PARA AS DOENÇAS DA BOCA E GARGANTA
ANGINAS GENGIVITES LARINGITES, PROBRIS, ETC.

A VENDA EM TODAS AS FARMACIAS

TWA apresenta o



Super Constellation

entre New York e a Califórnia

Pode agora voar pelos luxuosos «Ambassador», da T. W. A. para e através dos Estados Unidos utilizando o melhor que lhe oferece a indústria do ar — os Super Constellation «Ambassador» da T. W. A., entre New York, Chicago, Los Angeles e São Francisco.

Estes gigantescos Super Constellations — os maiores aviões comerciais jamais utilizados — são a última palavra em luxo ao dispor do viajante. Para inigualável conforto voe pela T. W. A.

Consulte o seu Agente de Viagens ou T. W. A.

LISBOA: RESTAURADORES 6. — TELS. 2 1093-2 1389
AEROPORTO DA PORTELA — TELS. 7 0031
EXT. 37
PORTO: HOTEL INFANTE DE SAGRES — TEL. 2 8105

Voe pela

TWA
TRANS WORLD AIRLINES

USA • EUROPA • ÁFRICA • ÁSIA

Há 30 anos

Da Liberdade

Em 22 de Janeiro de 1923, o «Diário de Lisboa» publicava o seguinte artigo, que achamos oportuno recordar:

«O sr. dr. Bernardino Machado publicou em A Pátria, de sábado, um longo mas interessantíssimo artigo em que faz uma apreciação dos factos salientes da nossa política dos últimos dias. Dele recortamos este período:

«Sagra-se em palácio oficial uma capela católica, o presidente da Republica exerce nela funções da sua alta magistratura civil, e o governo põe na sua boca a declaração de que é caracteristicamente cristão o génio português, como se o nosso sagrado culto supremo não fosse o da liberdade».

Daqui infere-se que o ilustre homem de Estado não concordou com a imposição do barrete cardinalício, como prerrogativa da nação portuguesa, não obstante os louváveis esforços que fez, durante o governo provisório, para restabelecer as relações com a Santa Sé.

Não ignora a autoridade de que o Papa goza como chefe dos católicos, mas deseja que o Estado português se mantenha, por definição, alheio a convicções religiosas.

Qual a razão por que defende tão intransigentemente a sua neutralidade em tal matéria?

Diz o sr. dr. Bernardino Machado que o nosso povo não é tão cristão como afirmou o sr. dr. António José de Almeida, no seu discurso da Ajuda, visto ser, sobretudo, um defensor da liberdade. Ignoramos de que experiências ou notícias se socorreu para uma afirmação assim decisiva e terminante. A religião é, entre nós, o facto vital, por excelência, visto ser nela que a maioria da nossa população encontra não só um meio de resistir à depressão moral, nas épocas de crise, mas sobretudo uma fonte de inspirações nobres e levantadas para nortear o seu pensamento e erguer, acima das misérias quotidianas, o seu coração.

Há realmente quem queira convertê-la em instrumento de servilismo e de opressão? Nós somos inclinados, por indole, a abusar das coisas mais santas.

Nunca faltaram, neste Mundo, cavalheiros que se arranjam bem, pondo a máscara de Tar-tufo.

Estes, porém, não podem dar da religião uma ideia perfeita, uma imagem digna. Uma alma sinceramente religiosa realiza a plena harmonia da consciência — o que equivale a dizer que atinge a forma mais alta da liberdade.

Espanta-nos que o sr. dr. Bernardino Machado julgue que o homem religioso e o homem político são incompatíveis. Pelo contrário, apoiam-se e fortificam-se. As regiões do País onde mais impera a acção do catolicismo são talvez aquelas onde as virtudes cívicas estão mais enraizadas. Não conspiram nem criam dificuldades aos governos.»

A aplicação industrial de isótopos radioactivos

Em prosseguimento do ciclo de conferencias que a Missão Britânica de Isótopos tem estado a realizar no Hospital de S. José, o sr. dr. J. E. Johnston, director da Escola de Isótopos de Harwell, pronunciou hoje às 11 horas, mais uma lição, perante uma assistência constituída por professores universitários, alunos da Faculdade de Medicina, médicos, etc.

O conferente abordou o tema «Os isótopos na industria», ilustrando-o com projecções.

Atentamente escutado, o dr. J. E. Johnston iniciou a sua palestra tratando da aplicação dos isótopos de um modo generalizado.

Depois, falou do seu papel em diversas industrias: farmacêutica, metalurgica, mineira, de papel, têxtil, de plásticos, linoleum e, ainda, da aplicação de fontes radioactivas para diversos fins.

O orador terminou, dizendo que os exemplos citados haviam sido escolhidos ao acaso, para ilustrar um pouco os caminhos nos quais os radioisótopos podem ser utilizados na industria.

Hoje á noite, pelos 21 e 30, os dres. R. J. Walton e W. K. Sinclair continuarão o seu «Curso sobre aplicações medicas de radioisótopos».

UMA HOMENAGEM POSTUMA ao escritor Reis Gomes

Na Casa da Madeira, realizou-se uma consagração á memória do distinto militar, jornalista, escritor e académico João dos Reis Gomes, falecido há três anos, e a quem se deveu, em 1913, o primeiro ensaio, em toda a Europa, da ligação do cinema ao teatro, quando da representação do seu peça «Guomar Teixeira», extraída do romance «A filha de Tristão das Damas», ensaio a que a enciclopédia teatral francesa se refere com justiça.

Presidiu o sr. general Daniel de Sousa, presidente da direcção daquele organismo, ladeado pelos srs. Pedro Correia Marques, director do nosso prezado colega «A Voz», e de Alvaro Reis Gomes, filho do homenageado. A convite do presidente, a neta de João dos Reis Gomes, a estudante da Faculdade de Letras Maria Eugénia Reis Gomes, descerrou um retrato do avô, cuja figura e cujos trabalhos mereceram palavras de grande elogio aos srs. general Daniel de Sousa, Pedro Correia Marques e dr. Antonino Pestana, tendo agradecido, em nome da familia do homenageado, o filho deste, Pedro Correia Marques disse entender que o nome de João dos Reis Gomes devia figurar numa rua de Lisboa.

A estação da Graça da Companhia dos Telefones

Com a presença do sr. coronel Gomes de Araujo, ministro das Comunicações, e outras entidades oficiais, será inaugurada, depois de amanhã a nova estação da Companhia dos Telefones, na Graça, instalada na Praça António Sardinha, á Penha de França.

Amanhã, ás 11 e 30, haverá uma visita dos representantes da Imprensa á nova estação.

ALMOÇO DE HOMENAGEM a Jaime Cortesão

Encerra-se amanhã a inscrição, que tem estado aberta nas principais livrarias de Lisboa e Porto, para o almoço de homenagem a Jaime Cortesão. O almoço, que será presidido pelo sr. dr. Gil Mendes de Moraes, ilustre encarregado de Negócios do Brasil, realiza-se no próximo domingo, ás 13 horas, no Restaurante Imperium, da Rua de St.ª Justa.

Um «disco» já estafado...

BEJA, 22 (Pelo telefone).—Ontem, cerca das 15 e 45, em Santa Clara Velha, Amoreiras-Gare e Aljustrel, apareceram no céu, a grande altura, dois estranhos objectos, voadores que tomaram direcção Nordeste Sudoeste, deixando um rasto que parecia ser de fumo branco e fazendo um ruido que parecia ser de avião.

Em Amoreiras-Gare voltaram a aparecer meia hora depois. Este fenómeno foi presenciado por centenas de pessoas.

Cumprimentos da G. N. R. ao governador militar de Lisboa

O governador militar de Lisboa, sr. general Leonel Vieira, recebeu esta tarde os cumprimentos da G. N. R., cujos 1.º e 2.º comandantes se deslocaram ao quartel general, acompanhados dos comandantes de todas as unidades daquela corporação em Lisboa.

SAIS DE FRUTOS
ENO'S
Terapia saúde e boa disposição

UM PERIGO...

Os pneus lisos no seu carro. Visite-nos hoje. Fornecemos pneus novos e recebemos em desconto os pneus usados. Assistência Técnica e Montagens Grátis.

AUTO-CRUZEIRO, LD.ª
Avenida de Paris, 4-C — Tel. 71236

COMPRIMIDO OKAL
GRIPE, DORES DE CABEÇA, DENTES RESFRIAMENTOS E ENXAQUECAS
CONTRA AS DORES

Casacos e estolas

de astrakan e vison
Lindíssimos vendem-se baratos. David Kit—
Av. Sidónio Pais, 24 — Tel. 48089.



Amália Rodrigues



HOJE NOITE DA MODA Amália Rodrigues

No «Restaurante», às 23,45 horas
No «Wonder-Bar», à 1 hora

Lembre-se... a margarina **VAQUEIRO** faz o bom cozinheiro!



UM PRODUTO DA FIMA
FÁBRICA IMPERIAL DE MARGARINA, LDA. — SACAVÉM

Sestello

CABELEIREIRO

Ao serviço da Beleza Feminina

Av. da Liberdade, 190, r/c., D.º

Telef. 42386

Teatro MONUMENTAL

EM ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES!

às 21.30

HOJE

às 21.30

GRANDE SUCESSO DO NOVO PROGRAMA

A Grande Companhia de Bailados

de **JANINE CHARRAT**
com **HELENE TRAYLINE**, **RENÉ BON**,
WLADIMIR OUKHTOMSKY, **MARIA**
FRIS com **PETER DIJK** e
CORPO DE BAILE

GRANDE ORQUESTRA **DANIEL STERN** Pianista-Solista
sob a direcção do maestro **JACQUELINE EMERY**
Espectáculo sem classificação especial (para maiores de 13 anos)

SABADO, às 18—Grandiosa «matinée» com a COMPANHIA DE BAILADOS

A SEGUIR: «As MULHERES DE QUEM SE FALA» com **LAURA**, **IRENE**, **AL-CAIDE** e **BARROSO**

FONTORIA-DANCING PRAÇA DA ALEGRIA, 66

Com um espantoso programa de atracções que tornam as noites mais alegres da capital

As melhores artistas—Uma boa orquestra «FONTORIA»
O «Dancing» que Lisboa ambicionava

TANGO

Entrada livre
Seleccionada

O «DANCING» MODERNO DO PARQUE MAYER

Hoje, sensacional estreia da bailarina de fantasia francesa (**LILIAN FRANCE**)
Completem o programa de variedades as bailarinas **MELI NARDY**
e **MARGOT GALLEGÓ**

Música de baile pelo conjunto **TANGO** e seu cantor **MANICAS**

HAITI INTERNACIONAL «SHOW»

Cartas dos Cinemas



A's 15.15-18.15-21.30
2.ª SEMANA SENSACIONAL
MULHERES SEM NOME
com **Simone Simon**, **Valentina Cortese** e **Vivi Gidi**
(Para maiores de 18 anos)



A's 15.30-18.15-21.30
(EM ÚLTIMAS EXIBIÇÕES)
Três maridos enganados
Uma história deliciosa, com **Emlyn Williams** e **Eve Arden**
(Para maiores de 18 anos)



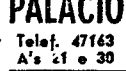
A's 15.15-18.15-21.30
(Em última semana)
Alves da Cunha
no grande filme português
DUAS CAUSAS
(Para maiores de 13 anos)



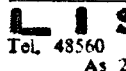
HOJE às 21.30:
A engraçadíssima
comédia portuguesa
O comissário de Polícia
c/ **António Silva**, **Santos Carvalho**, **Cremilda da Oliveira**, **Elvira Velez**, etc.
(Para maiores de 13 anos)



EXTRAORDINÁRIO ÉXITO DE
A rapariga da Floresta Negra
Um deslumbrante Agnès B. com
Sonja Ziemann e **Paul Hörbiger**
(Para maiores de 13 anos)



LIS 3 histórias proibidas
Tel. 48560
As 21.15 **Final... era patroa**
(Para maiores de 18 anos)



FLORES DO PO
Tel. 20917—As 21.15 **Mulher a quanto obrigas**
(Para maiores de 13 anos)



A's 15.15-18.15-21.30
2.ª semana de êxito
do maravilhoso filme
em technicolor
(p. maiores de 13 anos)
QUANDO O CORAÇÃO CANTA
com a grande vedeta **SUSAN HAYWARD**



A's 18.30: O «Comboio das Seis e Meia»
(Para maiores de 13 anos)



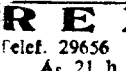
A's 15.15-18.15-21.30
Despedida da comédia musical
TRÊS RAPARIGAS MODERNAS
com **Esther Williams**
e **Joan Evans**
(Para maiores de 13 anos)



A's 15.15-18.15-21.30 com **Gina Lollobrigida**
e **Amadeo Nazzari**
Telef. 22523
(Para maiores de 18 anos)



A's 21.30—GRANDE ÉXITO!
O esplendido filme policial
de vibrante enredo!
A vendedora de fantasias
com **Mirna Legrand**
(Para maiores de 18 anos)



O SR. FAZ TODO
Telef. 29656
As 21 h **O Gavião do Deserto**
(Para maiores de 13 anos)



A's 21 e 30
O MONTE DO DIABO
com **James Craig**
(Para maiores de 13 anos)

MAXIME

BAILE DE MASCARAS

COMO SEMPRE... O MELHOR!... O ÚNICO COM GRANDES TRADIÇÕES DE FESTA!
UM CARTAZ CHEIO DE ÉXITOS!

LUCY Y JACK PENZES

O IMPOSSIVEL EM ACROBACIA BURLESCA

A extraordinária
e dinamica vedeta

MARY MERCHE

OS RIS DA GARGALHADA

JÚJÚ-ALMEIDINHA

MARIA y MARTIN

Ballet
BRISAS DE ESPANHA

e ainda: **JOSÉ VIANA**, **ABÍLIO HERLANDER**, **ORISA DANTES**, **RAUL SOLNADO**, **ANTÓNIO BAIÃO**, **CARMEN CASTILLO**, **CARMENCITA ROIG** e as «8 MAXIME GIRLS»

Música de baile pelos dinâmicos conjuntos **TROPICAL BOYS** e **JOSÉ MESQUITA E A SUA ORQUESTRA**

DO MINGO **CHA' DANÇANTE** com todas as atracções
às 17.30



CARMEN ROGER

OLIMPIA CLUB

GRANDE ÉXITO DA ESTRELA DE BAILE

CARMEN ROGER

QUE ONTEM SE ESTREOU

Num grande programa com as gentis artistas **LITA INSA**

ISABELITA TOMAZ — **MARGOT MOLINA** — **ROSITA ISARD** — **CARMEN UBILLA** — **BENITA ROSA**

Orquestra portuguesa **ROYAL JAZZ**
com o seu cantor **ABREU MOREIRA**

ORQUESTRA ESPANHOLA **DAVID Y SU CONJUNTO**

VISITE **RESTAURANTE DOS CONDES** com entrada pela «O NOSSO RESTAURANTE»
CEIAS com **FADOS** e **GUITARRADAS** pelos mais populares artistas

A sarabanda dos pratos!

O mais interessante, difícil e original malabarismo. Veja no Coliseu, hoje e todas as noites, a Grande Companhia de Circo Internacional de 1953. Leões, elefantes, ursos, zebras, cavalos e cavallinhos. Um zoo na pista. Sábado, «matinée»



Tudo o que há de melhor! Tudo o que de melhor se tem visto! Tudo há na Grande Companhia de Circo Internacional de 1953 que hoje e todas as noites se apresenta no Coliseu. Paquidermes dançarinos! Zebras indomáveis! Leões ferozes! Ursos habilidosos! Cavalos e cavallinhos! Cães Jockeys! Acrobatas a cavalo! Acrobata clássica! Barrista! Aramistal! Saltadores árabes! Cozinheiros «jongleurs»! O pirata do ar! Força dental! Um nunca acabar de novidades e de atracções que entusiasmarão até ao delírio, além dos impagáveis, divertidos, originais e engraçadíssimos palhaços. Sábado, «matinée», às 16 horas.

BELAS ARTES

DENTRO DE BREVES DIAS
ANUNCIAREMOS OS MOMES
DAS GRANDES VEDETAS

QUE

TOMAM PARTE NO GRANDE

CARNAVAL

DAS NAÇÕES

Reserve a sua mesa — Bifetes à venda

CARTAZ DOS ESPECTÁCULOS

NACIONAL—A's 21 e 30—«Meia-noite».
MONUMENTAL—A's 21 e 30—Companhia de bailados Janine Charrat.
VARIEDADES—A's 20 e 30 e às 22 e 45—«Acho-te uma graça».
MARIA VITÓRIA—A's 21 e 45—«A carta anónima».
AVENIDA—A's 20 e 45 e às 22 e 45—Max.
COLISEU—A's 21 e 30—Companhia de circo.
SÃO LUIZ—«Mulheres sem nome».
TIVOLI—«Quando o coração canta».
SÃO JORGE—«Duas causas».
MONUMENTAL—«Três raparigas modernas».
POLITEAMA—«Os miseráveis».
IMPERIO—«O comissário de polícia».
EDEN—«Três maridos enganados».
CONDES—«Alina».
ODEON e PALÁCIO—«A rapariga da floresta negra».
CAPITÓLIO—«A vendedora de fantasias».
OLIMPIA—«A vida é um jogo».
TERRASSE—«Flores do pó».
LIS—«Três histórias proibidas».
REX—«O sr. Faz-tudo».
PROMOTORA—«O caso Cicero»

TEATRO 2 SES. O.S. HOJE

AVENIDA às 20.45 e 22.45

O artista que assombrou Lisboa

MAX

O HOMEM DAS COISAS IMPOSSÍVEIS
em telepatia, alta sugestão, magnetismo, e tudo quanto há de misterioso, emocionante e inacreditável
(Para maiores de 18 anos)



LUSO

T. da Queimada. T. 32889

Animador: Modesto Maia

FADOS por Aurora Sobral — Isabel Silva — Maria Manuel — Lúcia Santos — Alberto Cardia — Armindo Dias — Mário

Albino Rocha — Camarinha e Pedro Leal, DOMINGO MATINEE COM TODO O ELENCO.

SERVE-SE CEIAS

AMANHÃ

Amália

Uma das
melhores
realizações
de

**FRANK
BORZAGE**

Um exclusivo de «FILMES CAST LO LOPES»

Amanhã, no CONDES

Uma obra superior, de profundo
sentido humano e vigoroso
realismo!

Consciência

em

Paz

com

Dane

Clark

e
Gail

Russell

A PARTIR DE
AMANHÃ NO
E D E N

Lisboa inteira cantará com
MARIKA ROKK



As melodias imortais de
**A PRINCESA
DAS
CZARDAS**
EM AGFACOLOR

É um exclusivo
VITÓRIA FILM



CRISTAL Exito apoteótico!...

HOJE: BAILE DE MASCARAS

DUAS ESTRELAS
SENSACIONAIS

A estrela de baile clássico

FELI SUAREZ

A genial bailarina

MARY CARRERES

FOGO NA CANGIÇA!!!

Alegria - Movimento - Originalidade - Graça - Linda música e novos bailes

APRESENTADO **BAU** com a colaboração dos artistas da
pelo inimitável **Companhia Folclórica Brasileira**
Marilu • Trio do Ebano • Wilma Riso • Jane Brasil • Shirley • Carlos
Lisboa e seu «Ballet» Carlota e ainda Mister Broni e a extraordinária
atração de grande sucesso

SEXTETO BRASIL MORENO

COM A ESTONTEANTE «CROONER» **DORINEA**

No mesmo programa: um grande acto de «Music-Hall» com

A vedeta do baile espanhol **LOLITA NARANJO** e ainda

Estor do Murillo — Carmen Iturbi — Hermanas Montijo — Mary An-
geles — Lita Gong — Maria Luisa Vasquez

e as orquestras **TAVARIS BELO** com **MONIZ TRINDADE** e **HARLEM-JAZZ** com **RICARDO SANTOS**

**ULTIMA
SEMANA**

NO VARIEDADES

ULTIMAS REPRESENTAÇÕES! com a revista popular

ACHO-TE UMA GRAÇA!



Em
2 SESSÕES
às 20.30
e 22.45 h.

QUE VAI SAIR DE CENA EM PLENO TRIUNFO POR A

COMPANHIA FOLCLORICA BRASILEIRA

TER JÁ POUCO TEMPO PARA ACTUAR EM LISBOA E
QUERER APRESENTAR TODO O SEU REPERTÓRIO

3.ª FEIRA, 27 **ESTREIA DA REVISTA BALANÇA MAS NÃO CAI...**

ESPECTÁCULO PARA
ADULTOS (para indi-
viduos com mais de 18
anos)

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

HOJE: às 21 e 30 - Última representação

MEIA NOITE

Espectáculo sem classificação especial para
indivíduos com mais de 13 anos
Amanhã, 23, Sábado e Domingo
O CASO DO DIA

MARIA VITÓRIA

Espectáculo inteiro às 21.45

A mais divertida e hilariante comédia
de Muñoz Seca

A carta anónima

3 ACTOS DE GARGALHADA, com

Maria Lalande e Assis Pacheco

A frente de um grandioso elenco

(Para maiores de 13 anos)

LUSO

PROXIMA

SEXTA-FEIRA

AMALIA

O FAIA

Antiga Adega da Lucilla—Bairro Alto
R. da Barroca, 54-55 — Telefone 29387

LOGO A NOITINHA

Carlos Ramos — Berta Cardoso

José Borges

Amanhã o tradicional almoço de sexta-
feira dedicado ao indiscutível cantor
da Rádio

RAUL MOTA

Seleccção rigorosa—Marque a sua mesa



Luisa e Mario



Lita Valencia

RITZ CLUB HOJE,

cional ESTREIA da vedeta do Teatro e Cinema cubano

Mayte Betancôr

Em pleno êxito: **LUISA e MARIO, LITA VALENCIA, M-
LITA MARTIN** e a famosa Orquestra **CARAVANA**

No RESTAURANTE: **FADOS e GUITARRADAS**

Direcção de **Mário Paninho**



Mário Paninho

TEATROS E CINEMAS

O novo programa

do Ballet Janine Charrat

O programa de ontem, do Ballet de Janine Charrat, no Monumental, incluía, se não estamos em erro, dois novos bailados, um «Pas de quatre» sobre música de Pugnî, coreografia de Anton Dolin, e o conhecido «Oiseau bleu», sobre música de Tchaikowsky. Qualquer dos dois teve primorosa execução por parte dos seus intérpretes, o primeiro confiado a Janine Charrat, Hélène Trillane, Maria Friz e Annick Tassigny, e o segundo desempenhado por Maria Friz e René Bon, que lhe deram uma expressiva interpretação. Ela é uma bailarina graciosa, de técnica impecável, com uma dureza de pontas excepcional, que se distingue facilmente entre todos os componentes do Ballet. O jogo do bailarino é, porventura, menos convincente; falta-lhe vigor e masculinidade.

Em «Pas de quatre» admirámos, mais uma vez, o bom gosto coreográfico de Janine Charrat, que imprimiu ao seu conjunto uma bela orientação artística, de acordo com as suas preocupações intelectuais.

O programa alcançou merecido êxito e a sala, que estava cheia, manifestou por forma inequívoca o seu agrado.—N.

Atrás do reposteiro

No Teatro Sá da Bandeira, do Porto, estreia-se amanhã, a companhia de comédia alegre do Teatro Apolo, que ali vai efectuar uma temporada até ao Carnaval. O repertório é formado pelas comédias «A Maluquinha de Arroios» e «Maridos com sorte» e uma revista num acto.

No Teatro Monumental vão começar com grande actividade os ensaios da nova revista «Viva o Luxo», de forma a que a sua estreia se possa efectuar após a quadra do Carnaval.

A companhia folclórica brasileira apresenta na terça-feira a revista «Balança mas não cai».

O conjunto de artistas do Teatro Avenida, recebeu convite para efectuar os espectáculos de Carnaval, numa cidade do Sul do País.

Em Março regressa a Portugal o empresário Joaquim Lino, actualmente em S. Paulo (Brasil), onde dirige as suas actividades teatrais.

A companhia alemã do Circo Belli estreia-se amanhã no Coliseu do Porto.

Encontra-se em Lisboa o actor e empresário António de Vasconcelos, que há cinquenta anos reside no Brasil, onde exerce a sua actividade artística explorando o Teatro Desmontável Brasileiro.

No domingo, a grande companhia de circo do Coliseu efectua duas «matinéas» dedicadas às crianças, começando a primeira às 14 horas e a segunda às 17 e 15.

O actor João Villaret regressou de S. Paulo ao Rio de Janeiro, onde prepara um novo recital de poesias.

Começaram a escrever uma nova revista os escritores Carlos Lopes e Anibal Nazaré, que pela primeira vez trabalham juntos.

A peça infantil «O Sapatinho de Cristal» será musicada pelos maestros Fernando de Carvalho e Tavares Belo e subirá à cena, no Monumental, a seguir à opereta infantil «Não vale a pena ser mau...», ali em ensaios.

É no Teatro Monumental que deve representar-se uma nova versão da mágica infantil «A gata borralheira», do escritor Tomás Ribas, com Laura Alves e Paulo Renato nos protagonistas.

Volta a falar-se na organização de uma companhia de operetas que efectuará a reposição das antigas operetas «Perola Negra», «Miss Diabo» e «Nazaré».

Está em definitivo assente a exploração do Teatro Variedades, por uma nova empresa. Está em formação o respectivo elenco, do qual devem fazer parte alguns dos artistas da companhia que anda em digressão por África, cujo regresso está previsto para 15 de Fevereiro.

Charlot ataca a fundo

os produtores de Hollywood

LONDRES, 22.—Charlie Chaplin, que chegou ontem a Londres vindo de Genebra, acompanhado de sua esposa, declarou aos jornalistas: «Hollywood vai precisar de mim muito antes de eu precisar de Hollywood».

Instado pelos jornalistas para que justificasse a sua atitude perante a proibição da Legião Americana respeitante ao seu filme «Limelight» (Luzes da Ribalta), Chaplin disse: «Hollywood sucumbiu perante os pensamentos controlados e os métodos ilegais de grupos de alta influência, o que é significar o fim para a indústria cinematográfica americana e para a sua influência mundial. Os produtores cinematográficos não têm coragem de defender aquilo que é decente e justo. Estão a ser dominados absolutamente por esses grupos de altas influências».

Chaplin, que deve passar dez dias em Londres, antes de regressar à Suíça, disse que faria um filme na G. B. Britânica.—(R.).

O «Garoto do Charlot»

vai fazer um filme autobiográfico

PARIS, 21 — Jackie Coogan, conhecido pelo «Garoto de Charlot», há 30 anos atrás, está a escrever a sua própria vida, de colaboração com James Gross, para um filme a produzir por ele próprio. Coogan, que se encontra na Suíça, vai encontrar-se com Charlot para lhe pedir que o grande artista figure nesse filme. No caso negativo, a figura de Charlot será desempenhada por Monte Blue, que imita Charlot na perfeição.—(E.).

«A carta anónima», no Maria Vitória



Josefina Silva, Rogério Paulo, Assis Pacheco, Maria Lalande, Fernanda Borsati e Armando Cortes (Vistos por Fernando Bento)

Maria Lalande, excelente camarada dos seus camaradas, uma das primeiras atrizes do nosso tempo, verdadeira devoção ao serviço do teatro que muito ama e respeita, teve o sonho de dispor de uma casa de espectáculos, fazer uma temporada de comédia que fosse em tudo digna do seu nome e daqueles que a seu lado se propunham igualmente fazer bom teatro, a preços acessíveis e para todo o publico. Para isso não se poupou Maria Lalande a esforços. Com a sua simplicidade, a sua modestia e a sua devoção, instalou nova plateia estofada, cortinas, passadeiras, deu, enfim, à sala, do Maria Vitória, um ambiente limpo, alegre e renovado. Começou com um original português, experimentou todos os processos dignos que chamamos o carinho, o gosto, a justa admiração do publico. Mas não foi possível vencer as mil desculpas que ele apresentou para não comparecer na sua máxima força. Desculpas de mau pagador, por um lado; tesmosia de quem, tendo atingido a maioridade, não admite que o tratem como criança, como irresponsável, como velho caquético. O publico lê e viaja. Sabe que teatro, hoje, não é nada do que pretendem dar-lhe. E conclui que o vão ver—aqueles que lho querem meter pelos olhos dentro, como se ele fosse cego...

Na verdade, o problema do Maria Vitória é o problema do teatro português—ou do teatro em Portugal. Vem do alto mas é em baixo, quem o cultiva, que lhe sofre as consequências. Agora, que muito justamente se impediu o acesso de menores a certos espectáculos, não será a hora de se reverem mos pontos que orientam os agentes da censura? Não se pedem peças que magoem a sensibilidade do publico, com palavras ou atitudes deslealistas. Mas entre isto e o teatro de situações originais ou de ideias, pode ir uma distancia sem medida... O que não é possível é basear o teatro actual no apelo constante às prateleiras, Shakespeare, Molière, António Ferreira, Gil Vicente, são testemunhos notáveis de cultura, mas insistir neles é negar o tempo presente, com todo o seu mundo de injustiças para o pensamento que o informa. Não se pode, na verdade, assentar um edificio sobre uma quimera. Não se podem negar ao tempo as forças que o comandam. Se na época dos clássicos a intervenção do Santo Officio e da sua mesa censória fosse constante e directa, não seria possível ver hoje representar Molière e Shakespeare. O próprio mestre Gil, que lhes é anterior, não teria existido e não poderia hoje ser recomendado para

Vida desportiva

FUTEBOL

Jogadores castigados pela F. P. F.

A comissão executiva da direcção da F. P. F., na sua reunião de ontem, depois de apreciados os boletins dos jogos das jornadas das 1.ª, 2.ª e 3.ª divisões, efectuados no passado domingo, resolveu punir os seguintes jogadores: Jorge Valente Marques, do Atlético; António Moreira, do Estoril Praia; Manuel Coelho de Barros, do Sporting de Fafe; Romão Francisco Marques Clero e João Mourato Ensinas, ambos do Campomaiorense, e Luis Augusto Raposo Faia, todos com 3 jogos oficiais de suspensão; João Mendes Morgado e João Moura Garcia, ambos do G. Alcobaca; Valtir de Castro Brandão, do S. Espinho; Guilherme da Silva Pereira, do Atlético; João Alves de Brito, do D. Monção; Fernando dos Santos Silva, do Operário de Lisboa; Albino José, do S. L. e Evora; José Manuel Pinto, do Lusitano; e José Francisco Baptista, do Estremoz, todos com 2 jogos; António Maria Branco da Costa, do Alcobaca, com 1 jogo oficial de suspensão.

ASSEMBLEIAS GERAIS

Clube de Futebol «Os Ardinas»

Na assembleia geral do Clube de Futebol «Os Ardinas» foram eleitos os seguintes corpos gerentes:

Assembleia geral—Armando Correia, Henrique Amaral, Joaquim Guerreiro e Manuel Terra Valente

Direcção—André dos Santos Almeida, Carlos Francisco dos Santos, António Marques Figueiredo, José Augusto Santos Almeida, Veríssimo Coutinho, Joaquim Gaspar de Carvalho, Francisco da Silva Paiva

Conselho fiscal—Albano Terra Valente, Armando Martins e Luis Correia

fundo de repertório. É que, quando as ideias não entram em debate, são os homens que a si próprio se vitimam. A actual época da nossa literatura dramática ficará sendo, de facto, a mais triste e a mais negativa de todos os tempos...

Depois, não há só o apelo aos clássicos. Há o apelo às ingénuas comédias e farsas de há 30 ou 50 anos. Duas guerras se erguem entre «A carta anónima», ontem estreada no Maria Vitória, e o publico que a aplaudiu e acarinhou. E numa dessas guerras apareceu a energia atómica...

Este começo generalizado em nada, aliás, deve afectar o principio que levou Lalande e Assis a escolher a peça. Estamos, pelo contrario, a defendê-la, na certeza de que defendemos o teatro e de que eles verão neste prólogo apenas simpatia e admiração pelo seu esforço. Mais, até: aplauso. Dentro do que lhes é permitido, não seria possível fazer melhor. Aliás, a comédia-farsa ontem estreada é engraçada, tem mesmo momentos de explosão de riso, e serve um enredo pitoresco que, se não é original, a culpa é daqueles que depois a imitam...

Foi traduzida com muita propriedade e bom tom pela célebre parçaria João Bastos, Felix Bermudes e Ernesto Rodrigues. O tempo concedeu-lhe certos monólogos e ápartes, a lógica pode não compreender muito bem a figura da criada—pelo menos em relação ao nosso meio—mas, com tudo isto, a peça é sobretudo desenfadante e pitoresca. E serve para duas coisas mais: mostrar a afinação que vai adquirindo o conjunto do Maria Vitória, onde tudo correu com probidade, onde todos souberam o papel de ponta a ponta, onde ninguém num bom principio de equipa, se quis sobrenhor aos outros. Todavia, foi possível Assis Pacheco evidenciar-se, representando admiravelmente, sobretudo a primeira parte do seu «papel», Maria Lalande fez sem esforço, mas com todas as «nuances» o seu papel simpático; Fernanda Borsati continua a fazer valer o seu gosto para o «cómico», embora seja de lhe aconselhar menos exuberância; Josefina Silva, muito á-vontade, fez também facilmente, o que era de se lhe pedir; Armando Cortes correcto—deve evitar puxar tanto o pescoco para cima, como se precisasse de mostrar ter mais altura—e José de Castro, num pequeno papel de composição, ajudaram a dignificar o cartaz. Mas há ainda, no primeiro plano, Rogério Paulo, num galá que às vezes não está ainda suficientemente á-vontade; Susana Prado, que não gostamos de ver na sua intervenção «despejada» com ênfase; e António Sacramento, que compôs uma figura um pouco falsa, sem ponta por onde se lhe pegar. Duas cenas de Abílio Matos e Silva—a primeira decorada com tristeza—e a segunda alegre como o coração daqueles que iam dentro dela viver o prazer da sua «reconciliação»... Muitas palmas, muitas gargalhadas.

Oxalá que «A carta anónima» vá parar ao seu destino e produza os seus efeitos na bilheteira!—M. A.

Este ano em S. Carlos

ouvire-se-á «O Rapto do Serralho», de Mozart

Dentre as óperas que este ano serão cantadas em S. Carlos conta-se «O Rapto do Serralho», de Mozart, pouco conhecida do nosso publico, o que bem justifica o interesse por esta primeira representação. Mozart estava, ao tempo, em Viena, grandemente enamorado de Constança Weber, o que veio justificar o prazer e o entusiasmo com que o compositor recebeu o «libretto» que trazia o titulo de «Belmont et Constance». O nome de Constança foi decisivo. No decorrer da obra há sobejas ocasiões de se sentir o sabor dos motivos e das coisas tuas. Aliás, era moda na época. O próprio Mozart introduziu um «rondo alla turca» na sua conhecida «sonata em la maior» escrita em Paris em 1778, provando mais uma vez que os caprichos da moda lhe não eram estranhos. O «Rapto do Serralho» é uma ópera do maior interesse, pois representa uma fase da vida artística de Mozart que não deve de forma alguma de esquecer-se para perfeito conhecimento da sua obra.

Primeiras exhibições

«O comissário de Polícia», no Império

Estreou-se ontem «O comissário de Polícia», o primeiro filme nacional a ser apresentado no ano corrente.

Segundo cremos, o sr. Constantino Esteves pretava, com esse filme, provas para realizador. E, talvez, para que o publico fosse benevolente no seu julgamento, assinou também a sequência cinematográfica e a montagem. Pegou numa das mais conhecidas e, quiza, das melhores peças teatrais de Gervásio Lobato, e tratou de fazer um filme. A sequência cinematográfica nem sempre acompanha a peça teatral, empobrecendo-a em vez de a enriquecer. E, apesar de tudo, a acção continua teatral; das duas horas de duração da fiação, só três escassos minutos são passados no exterior. Tudo se movimenta dentro de quatro paredes, ora na residência do conselheiro, ora no edificio do Comissariado.

O próprio desempenho se resente do ambiente criado e alguns dos intérpretes comportam-se, em frente da objectiva, da mesma maneira que o fariam em frente da ribalta. O quadro de intérpretes foi escolhido entre meia dúzia de artistas, habitualmente aproveitados, e as melhores gargalhadas que ontem se ouviram no cinema Império ficam a dever-se ao trabalho de Cremilda de Oliveira, Elvira Velz, António Silva, Santos Carvalho e Vasco Santana.

O par amoroso da história, a sobrinha do conselheiro e o secretário do ministro são representados por Julia Barroso e Igrejas Caeiro. Julia Barroso, segundo cremos, estreia-se no cinema, mas daquilo que o papel lhe exige só dá ao espectador oportunidade de notar a sua presença gentil; Igrejas Caeiro, numa interpretação justa, faz-nos pensar na razão por que o cinema nacional não tem aproveitado mais vezes as suas qualidades. Os restantes intérpretes houveram-se como souberam e puderam.

A fotografia de Octávio Bobone é francamente boa; a musica de Fernando de Carvalho não chega a fazer-se notar; e a qualidade do som é prejudicada por algumas irregularidades.

No final da exhibição, como é hábito nas estreias, foram ao palco o realizador e alguns intérpretes receber as palmas que o publico lhes tributou.—Visor 22.

«A rapariga da Floresta Negra», no Odéon e no Palácio

Além da opereta, com suas admiráveis características, bons cantores, solistas e nos coros, dá-nos este filme um documentário da paisagem e do folclore da Floresta Negra. Sonja Ziemann, a protagonista magnífica, Paul Horbiger, velho e prestigioso actor, e os cómicos Walter Müller e Hans Richter, dão realce á representação. A história de amor é bem acompanhada de canções e bailados, e o espectáculo resulta, assim, amável, e até recomendável.—Visor 60.

«Matinéas» clássicas no Tivoli

«Sinfonia Pastoral» e «Belinda»

No próximo domingo, às 11 e 30, exibe-se o filme francês de André Gide e Jean Delanoy, «Sinfonia Pastoral», comentado pelo distinto escritor e crítico João Gaspar Simões. E na próxima terça-feira, às 18 e 15, exibe-se «Belinda», escrava do silencio, célebre filme americano de Negulesco.

CLINICA DE S. BENTO

R. DE S. BENTO, 56. 2.º—Tel. 64053

Dr. A. Lima Faleiro—Doenças do coração, 3.ª e 6.ª 12 h.
Dr. Cláudio Rocha Pinto—Raios X.
Dr. Didio de Aguiar—Agentes físicos.
Dr. Eduardo Fernandes—Doen. Olhos 18 h.
Dr. Fernando Barros—Análises Clínicas
Dr. Leite Marreiros—Clínica geral 18 h.
Dr. J. Garcia da Silva—da As. aos Tuberculosos 18 h.
Dr. Jacinto Vargas Moniz—Gin.—Ope. 11 h.
Dr. José M. Torrado Barroso—Ouvídios.
Nariz e Garganta (Bronco-esofagologia) 15 h.
Dr. J. Pereira Coutinho—Doen. B. D. 14 h.
Dr. José Santa Bárbara—Doen. Crianças 15 h.

FELI SUAREZ



CRISTAL

O Albergue Distrital de Aveiro está a ser ampliado para 250 internados

AVEIRO, 22.—Ocupando uma área de mais de 26.000 metros quadrados, incluindo terrenos anexos, foi instalado em S. Bernardo, suburbio desta cidade, o Albergue Distrital, benemérita instituição que em breve abrigará, além dos 70 velhinhos já ali instalados, mais 180. Reconhecida a insuficiência do velho edificio, estão ali a decorrer grandes obras de ampliação, cujo custo vai a 1.130 contos, obra comparticipada pelo Fundo do Socorro Social e pelo Comissariado do Desemprego.

A convite do sr. capitão Firmão da Silva, presidente da comissão administrativa, prestigiosa e dinamica figura no meio aveirense, os representantes da Imprensa diária e local visitaram as obras ali em curso. As novas instalações, ligadas ao velho edificio, comportam acomodações para 180 indivíduos do sexo masculino, dispostas em dois andares.

No rés-do-chão situam-se: a cozinha com copa e arrecadações; dependências para o pessoal de serviço, agrupando dormitório, refeitório, secretaria e sanitários; amplo refeitório para os internados, com capela e sacristia anexas; sala de estar, dois dormitórios com os respectivos sanitários e balneários; desinfecção com zonas suja e limpa e autoclave; gabinete do médico, sala de tratamentos, enfermaria e isolamento com os necessários sanitários e balneários.

No 1.º andar dispõem-se quatro dormitórios com dois grupos de sanitários e balneários e as indispensáveis arrecadações.

Tanto o rés-do-chão como o 1.º andar são servidos por largos corredores.

Exteriormente, no rés-do-chão, uma pala em cimento forma a cobertura de um abrigo, quer para Verão quer para Inverno.

A cozinha será equipada com marmitas a vapor e a lavandaria, que fica anexa, é electrificada.

O edificio velho, depois de remodelado, com capacidade para 70 internados, destinar-se-á exclusivamente ao sexo feminino, ficando, portanto, o Albergue Asilo com a lotação total de 250 pessoas. A grandiosa obra deve ficar concluída em Maio próximo.



O Anjo (Jean-Marc Lambert) e a Rainha (Françoise Adam)

José Régio em Paris

PARIS, Janeiro.—Querem as circunstâncias que eu escreva duas linhas sobre a peça «Jacob e o Anjo», de José Régio, actualmente em cena no Studio des Champs Elysées. Um sentimento, porém, me paralisa, que nem sei discriminar, feito de respeito e de pudor, como se ao avançar um dedo grescico para uma imagem fugidia fosse encontrar uma chaga em carne viva. Ainda me não tinha esquecido da primeira leitura do texto, anos atrás, quando, em toda a sua dolorosa ambiguidade, aquela figura do rei, a sós com a consciência, partilhado entre a terra, a que se agarra, e o deserto de amor para onde o anjo implacável o chama—me convidava, mais do que a um juízo estético, a uma aproximação perturbada, em que se me rasgavam também, como feridas, olhos de alma, que antes quisesse fechados. «Jacob e o Anjo» é uma peça que nunca mais se esquece.

Para revelação do dramaturgo José Régio, acaso teria preferido ver em Paris «Benilde» ou a «Virgem-Mãe», onde uma poesia mais descarada palpita na própria acção, que tem outra consistência, um valor teatral mais aparente. Porém, se em «Jacob e o Anjo» os símbolos se não desprendem tão nitidamente de uma enca-

escabujar do rei, que no seu desespero lança um horrível desafio ao Destino, condenando a morte aqueles servos inocentes, que debalde imploram perdão. Haverá quem se lembre em França, perante esta gratuita selvajaria, do «Calígula», de Albert Camus, obra teatral que se me afigura realmente das mais importantes do nosso tempo. Porém, «Jacob e o Anjo», de José Régio, é anterior à peça de Camus: a sua modernidade não se explica de resto por quaisquer influências ou parentescos, mas pela actualidade do seu eterno debate, que preocupa altamente a consciência da nossa época, a margem da vida de hoje, precipitada e convulsa. Tal não invalida aliás o interesse de qualquer eventual comparação com François Mauriac ou até com Claudel, na medida em que este repercutiu, como José Régio, uma profunda ressonância bíblica.

Mas voltemos à corte de convenção em que se agita o pobre rei, humilhado pela própria mulher no seu orgulho sexual, diante dos mais altos dignitários. E já a obra do estranho bobo, que, a coberto da sua condição, penetra e desnuda a hipocrisia humana de uns titereiros maldosos, que são o «general», o «poeta encomiástico», o «representante da igreja estadual», para logo com eles se combinar, no intuito de compê-lo o soberano à abdicação. Assim o Anjo-Bobo devora a sua presa. Quer soltá-lo, a esse rei enismado, de todas as amarras que ainda o ligam à terra. Muito custa ser o eleito do Senhor!

Intervém então na acção—e a principio particularmente mal, no que toca, é claro, ao desempenho—o irmão mais novo do rei, epicurista não sem interesse, ambicioso e audaz, que, tal como a própria rainha, que ele herda, juntamente com o ceptro, será tocado, através do Anjo ou Bobo, pela «alma» do rei espoliado e solitário. Sim, que essa alma abrasada seduz e inquieta os que vivem para além do mesmo apetite de infinito. E o desgraçado rei tudo vai consentindo: depõe a coroa, deixa escapar-se-lhe a mulher para a cama do irmão, apara a risada da corte volúvel, sob o olhar perturbante do misterioso Truão, que lhe aponta o caminho da Verdade. Mas o diálogo na sua alma prossegue. Giraudoux, pela boca de Alcmena, recusava a Jupiter a eternidade. Também este rei aviltado, despojado de todos os bens, tem ainda assomos de querer ser Homem, ser terra, ser dor de homem como corpo. Em certos momentos o teatro de José Régio, com o ser tão pungentemente pessoal, supera as regras de equilíbrio estético e atinge a vibração e o patético das obras-primas. Pena que, no «Studio des Champs Elysées», a interpretação, embora entusiástica e digna, nem sempre servisse o texto da melhor maneira.

De rastos, batendo com a cabeça no chão (Jacques Carpin, encenador e actor, vai melhorando e tornando-se mais convincente de acto para acto), o rei aguarda a chegada da sua ex-mulher e do irmão, cujo incesto deu fruto. Está assegurada a sucessão ao trono e aquele farrapo de rei roga uma esmola aos criminosos que o depuseram. Quer mutilar-se, prefere sobreviver como um verme (a cena é de um dramatismo estupendo!) a escutar a voz lancinante do além. Pede nada menos que a morte do bobo, obreiro da sua desdita, desse que, mesmo na cela aonde o arrojaram, nem um segundo o largou.

O novo monarca, sibarita enfastiado de uma existência faustosa, chega por momentos a invejar-lhe a alma, cobica-lhe o bobo—capricho fugitivo: e acaba, conturbado e confidido, por satisfazer aquela suplica insensata. Morra o bobo! O rei destronado gargalha, alucinado, e todo ele ressuma horrível dor. Jacques Carpin neste final de acto merece elogios sem reserva.

«O Senhor tem de morrer, para ressuscitar três dias mais tarde», diz brandamente, ao melhor, devia dizer o condenado, ao separar-se do rei agonizante.

Execução na praça do palácio. Som de trombetas. Assoma-se o moribundo às grades da prisão e daí contempla o espectáculo, invisível para o publico. Depois, deixa-se cair por terra e aí fica prostrado, corpo sem alma, até que o Bobo ou Anjo regressa, agora de hábito branco, como o de um frade dominicano, e toma-o nos braços, presume-se que o leva consigo. Um ultimo diálogo lança ainda perturbação nos espíritos. A ambiguidade persiste, não se chega a saber até que ponto é total a entrega do rei.

A falta do texto original, que não posso recordar linha por linha, impede-me de avaliar o grau de fidelidade da adaptação de J. B. Jeener, mas não me parece excessivo afirmar que nada se perdeu de essencial, nem mesmo a beleza poética da linguagem de José Régio, traduzida com evidente honestidade e sentido artístico por A. Raibaud.

Enquanto ao papel da rainha, afigura-se-me que a interpretação (Françoise Adam) o diminui. As suas réplicas são, deveriam ser ricas de paixão e de contrastes: sensualidade amorosa, toldada de uma vaga inquietação metafísica. Amor, carne, intriga e ódio... Interessantes os sentimentos contrários que nutre pelo cunhado e cúmplice, depois esposo, e pelo bobo, que a repudiou como homem, exortando-a a seguir o exemplo do rei.

Uma referência para Luís de Lima, actor português que, ao lado de um sóbrio sumoprelado cheio de veneno, muito bem composto, e de um general de ópera-cômica, construiu ele próprio com amor uma figura barroca de poeta palaciano, alambicado, gesticulante, satitante, incansável de presença.

Os cenários, de Jean Denis Maillart, em vestidos escuros, são muito belos e sugestivos. A musica de cena serve admiravelmente a poesia do texto. Figurinos apropriados de Marcel Petitjean, que, tal como convinha, não situam historicamente a acção, deixando-a antes livremente intemporal.

URBANO TAVARES RODRIGUES

VIDA MUSICAL

Ballet Janine Charrat

Discretamente, perguntamos: — «A musica pode entrar? Respondem-nos que sim. — «E pode falar por ela, defender a sua maltratada existência? Fazem-nos a justiça de achar que é justo. Ainda bem! Perante um espectáculo da classe e do interesse daquele que se nos despaçou, com o actual programa pelo Ballet Janine Charrat, no Monumental, ficaríamos com pena se não pudéssemos acrescentar umas quantas palavras aos comentários até agora já feitos.»

A musica tem por vezes razões de queixa do papel secundário a que o bailado a reduz; e quando a sacrificada é musica da mais genial, carregada de substancia, a contrariedade dos que a amam torna-se intolerável. Mas quando o desnível está entre a realização bailatoria e a execução musical, o incomodo também se manifesta com impetuosidade...

No que respeita ao aproveitamento conjugado da musica de Ravel e de Debussy, para fazer com o bailado *Jeux d'eau* uma réplica ao mesmo tempo um pouco modernizada e classicizante às celebradas «Chopinianas», achamo-lo defensável de mais a mais do ponto de piano o que foi escrito para ele com propriedade intraduzível, e limitando a execução do bailado aos seus pares que o realizam. No caso dos dois bailados de estilo oposto, mas de género episdico semelhante, «Dancuses d'autrefois» e «Une étrange à Paris», graças às suas e vivazes coreografias de Janine Charrat, a musica (de Semenoff para o primeiro, Jean Wiener e D. Bardey para o segundo), sem ser transcendente, tem todo o carácter requerido. Para «Le massacre des Amazones», em que Charrat assenta o seu trabalho de coreografia e a respectiva transposição bailatoria sobre a admirável observação dos antagonistas das Amazonas, a musica de Ivan Kogan e K. Semenoff também dá o necessário apoio e contribuição para o ambiente, embora superficialmente, segundo podemos julgar. O que há sempre é o completo equilíbrio entre a pulsação rítmica orquestral e bailatoria sincronizada por Daniel Stirn, que é, aliás, um chefe de orquestra de brilhante carreira, actualmente director dos concertos Colonne em Paris, ao mesmo tempo do que colaborador também de Janine Charrat. Justamente, admiramos na sua direcção a naturalidade, a finura com que opera a junção das exigências da musica com as exigências do bailado. O que é profundamente lastimável é a fraca contribuição prestada pelo grupo de músicos fornecidos a Daniel Stirn, nesta ocorrência: há por certo, individualmente, alguns elementos razoáveis no grupo, mas ele é, no conjunto, de fraco rendimento e insuficiente preparação, o que se manifesta logo por desafinações aflitivas, e insuficientíssima disciplina. Trata-se da escassez de instrumentos? A coisa é intrincada e apresenta-se obscura, desgraçadamente.

Não podemos deixar, sem uma referência especial a extraordinária coreografia e a respectiva execução bailatoria de Janine Charrat, sobre o Concerto de Grieg—amputado do 3.º andamento, o que não consideramos crime de

lesa musica; pelo contrario, confere-lhe uma parcela de analogia com a Sinfonia Incompleta de Schubert, e é condicionado inteiramente pelo que a coreografia quis exprimir. Há alguns anos que fixamos o nome de Janine Charrat, por estar associado à coreografia do célebre «Jeu de Cartes», de Strawnsky, e vemos agora confirmadíssima a prova do seu forte talento de realizadora, multiforme e sempre caracterizado. Com o Concerto de Grieg, ultrapassou, transcendeu de tal modo o ponto de partida musical que transfigurou para nós, músicos, a musica, em vez de diminuí-la ou amesquinhá-la; ao mesmo tempo, o seu completo domínio da matéria manifestou-se com uma plasticidade e uma tal intensidade emotiva que desapareceram fronteiras e cronologia, francamente ultrapassado até o velho padrão de Linhas e de formas gregas.

Janine Charrat é secundada naquele bailado de duas personagens, com toda a perfeição, pelo jovem Peter van Dijk, que uma feliz caracterização faz parecer de semblante mais amadurecido, e que reúne a uma «souplesse» ainda quase de adolescente uma força tão bem temperada que julgáramos Janine Charrat um ser imaterial, sem peso terrestre. E, musicalmente, teve o Concerto a corte de depender em grande parte, como execução, de Jacqueline Emery, que tem craveira de verdadeira concertista, segura e de bom estilo, sendo-lhe possível, melhor do que na musica de Ravel e de Debussy, inventar recursos para compensar o mau pianinho com que teve de se haver.

Também distinguimos, de entre o valoroso grupo de Janine Charrat, Maria Friz, René Ben, Vladimir Oukstomsky, que são exactamente as primeiras figuras da companhia, com Hélène Trailline, que tivemos muita pena de não ver, assim como lamentamos a supressão, neste programa, da «Sinfonia Clássica» sobre musica de Prokofieff.

FRANCINE BENOIT

Orfeão Universitário (C. I. A.)

O novo orfeão universitário da C. I. A. (comissão interassociações académicas de Lisboa) que há cerca de um ano começou a organizar-se, está actualmente numa fase de franca actividade, tendo recommençado os seus trabalhos, na passada sexta-feira, sob a direcção do maestro compositor Joly Braga Santos, sendo muito avultado o numero de entusiasticas adesões. Amanhã, ás 18 e 15, na sede da Associação Académica da Faculdade de Ciências, efectuar-se-á um novo ensaio.

PRAXE INDISPENSÁVEL

Tem que fazer a sua apresentação? E quer fazê-la distintamente? Mande executar imediatamente a sua placa de cobite para bilhetes estampados em relevo. É de rigor e revela a sua posição social. Verá que não o confundem. ANIBAL GRAVADOR—Rua Nova do Almada, 64—LISBOA. Casa especializada.

EM 3 LINHAS

No próximo dia 29, a partir das 20 e 40, começará um eclipse total da Lua. Não será, porém, visível em Portugal...

O sr. eng. João Pedro da Costa foi nomeado para exercer, interinamente, no Conselho Superior de Obras Publicas, as funções do sr. eng. Alberto Saraiva e Sousa, subsecretário de Estado das Obras Publicas.

Foram homologadas as eleições da mesa da Academia Nacional de Belas-Artes e da delegação da mesma no Porto.

Foi nomeado solicitador encartado da comarca de Sintra, como requereu, o sr. dr. Domingos Barbosa Gonçalves Castanheira.

Foi concluída a empreitada de construção do Emissor Regional do Sul, na cidade de Faro.

Nos concelhos de Alijó e Montalegre, distrito de Vila Real, terminou a construção de sete edifícios escolares do Plano dos Centenários.

O sr. engenheiro Fernando César dos Santos Silva foi provido definitivamente no cargo de director-geral do quadro principal da Administração-Geral do Porto de Lisboa.

Passou de 1.º conservador do Arquivo e Museu de Arte da Universidade de Coimbra, para director da Biblioteca de Braga o dr. António Gomes da Rocha Madail.

Uma portaria do Ministério da Defesa exonerou do cargo de adjunto da 1.ª Repartição do Secretariado da Defesa, o coronel José Raul Alves Cruz. Regressa, por isso, ao Ministério do Exército.

O capitão João Tiroa foi nomeado adjunto-militar do comando-geral da L. P. Exercerá, porém, estas funções com carácter interino.

As últimas nevadas levaram os lobos esfoameados da Serra do Marão às povoações limítrofes, dizimando os rebanhos.

Obedece a novo regulamento a prestação de provas do curso de comércio, na Escola Pedro Nolasco, de Macau. A alteração permite que os exames sejam válidos em todo o território português.

Devido às comemorações de hoje, ficou adiada para amanhã, às 10 e 30, a reunião pública mensal da Camara Municipal de Lisboa que, habitualmente, se realiza na primeira quinta-feira da segunda quinzena.



Depois de uma semana de lotações esgotadas, prossegue em pleno êxito, no São Luiz, o admirável filme «Mulheres sem nome». Trata-se dum espectáculo de alta categoria e de excepcional interesse humano, que continua, na tela da elegante sala do Chiado, o prestígio do cinema italiano. Interpretado por Simone Simon, Valentina Cortese, Vivi Gioi, Gino Cervi e dezenas de outros, «Mulheres sem nome» é distribuído por Exclusivos Triunfo



O inglês Ronald Ross, preso em Portugal sob a acusação de burlas, foi entregue às autoridades do seu país, para onde seguiu a bordo do «Alcantara» e onde chegou anteontem, desembarcando em Southampton entre dois inspectores da «Scotland Yard»

A comemoração do dia de S. Vicente

(Continuação da 1.ª página)

Ao baculo, ao livro e á candelaria estiveram respectivamente os beneficiados João Ramos Ferreira, Pedro Gonçalves e José Maria Rodrigues.

O acto religioso foi dirigido pelo mestre de cerimónias da Sé, rev.º conego dr. Honorato Monteiro, coadjuvado pelo seminarista Eugénio dos Santos, e explicado aos fieis pelo rev.º conego Gregório Neves.

Nos cadeirais da capela-mór sentaram-se os conegos e os beneficiados do cabido, revestidos de ricos paramentos, destacando-se entre eles os rev.ºs padres missionário de Moçambique Adriano Garcês e Alberto Canuto Serpa, prior da Madalena, este em representação do clero paroquial de Lisboa.

No transepto tomaram lugar os srs. tenente-coronel Alvaro Salvação Barreto e Luis Pastor de Macedo, presidente e vice-presidente da Camara Municipal de Lisboa, vereadores Anibal David, dr. Americo Cortes Pinto, dr. Aquilino Monteverde e Pedro Correia Marques, director do nosso prezado colega «A Voz»; directores de serviço drs. Almeida de Eça e Fernandes Leitão; major Ribeiro Viana, comandante do Batalhão Sapadores Bombeiros, e mais funcionários superiores do Município.

Do lado do Evangelho, junto ao altar e devidamente escoltada por funcionários em uniforme de gala, via-se o estandarte da cidade, com laços de seda da Torre e Espada.

O templo encontrava-se ornamentado com vasos de plantas e iluminado com luz indirecta. A elevação um grupo de corneteiros do B. S. B. tocou em continência.

No final da missa solene de pontifical e com o cerimonial liturgico da praxe, o sr. cardeal-patriarca abandonou o seu trono e sentou-se em frente do altar. Então, o rev.º conego José Amaro Teixeira retirou o relicário do padroeiro de Lisboa, que durante a missa solene esteve sobre o altar, e entregou-o ao ilustre antistite, que em seguida o beijou. Depois deu-o á ocular aos conegos e beneficiados e mais clero, e, por último, aos seminaristas e componentes da Irmandade do Santíssimo. Em seguida, fez a entrega do relicário ao rev.º conego Manuel Luis, prior da Sé, que o conduziu para a capela de S. Vicente, igualmente ornamentada com plantas e que se encontrava iluminada com grandes e pequenos candelabros.

Sobre o altar e sob a imagem do Santo Martir, via-se o cofre onde é guardado o relicário.

Este foi colocado sobre o altar. Então o sr. presidente do Município, seguido das referidas entidades, dirigiu-se para junto do altar de S. Vicente, onde colocou um ramo de cravos vermelhos e avencas, com fitas de seda com as cores da cidade. Acto contínuo, beijou a reliquia, o mesmo fazendo os srs. vice-presidente da Camara e vereadores e funcionários.

Durante a cerimónia religiosa fez-se ouvir a Schola Cantorum do Seminário dos Olivais, dirigida pelo rev.º Viçoso Freire.

Terminada a cerimónia, o sr. tenente-coronel Alvaro Salvação Barreto, acompanhado das referidas individualidades, deu entrada no camarim particular do sr. cardeal-patriarca para lhe agradecer a sua honrosa presença e apresentar-lhe cumprimentos.

O relicário ficou patente aos fieis até ao fim da tarde, e até sábado poderá ser beijado durante a manhã até ás 9 horas.

Casquilho Faria, L. da

Compra, Venda e Administração de Propriedades
R. VICTOR CORDON, 7—LISBOA
TELEFONE 2 8715

A Academia

prestou hoje homenagem ao historiador chileno Toribio Medina

A Academia das Ciências de Lisboa reuniu-se, esta tarde, em sessão plenária para escutar uma comunicação do sr. prof. Damião Peres. Na sala das sessões, que, como noticiámos, foi recentemente decorada e beneficiada, viam-se, além de numerosos académicos, alguns chefes das missões sul-americanas, nomeadamente o encarregado dos Negócios do Brasil e os ministros do México, do Peru, do Uruguai e da Colombia.

Presidiu á sessão o sr. dr. Julio Dantas; á direita de quem se sentaram os srs. ministro do Chile e Joaquim Leitão, secretário-geral da Academia; á esquerda, os srs. professores Caeiro da Mata, presidente da classe de Letras daquela Academia, e Gustavo Cordeiro Ramos, presidente do Instituto de Alta Cultura.

Depois de aberta a sessão pelo sr. dr. Julio Dantas, o sr. prof. Damião Peres iniciou a sua comunicação, em que fez o elogio histórico do glorioso escritor chileno Toribio Medina. O orador, que á hora do nosso jornal começava a circular ainda está no uso da palavra, principiou afirmando:

—Grande em todos os campos da sua actividade estudiosa, Toribio Medina agigantou-se, contudo, mais que em qualquer outro, no da historiografia; e isto não só porque o cultivou com suma extensão, variedade e clarividência, nos seus aspectos politico, social, económico, religioso e cultural, mas sobretudo porque sempre considerou a historiografia como um instrumento de pacificação e não de discórdia. Homem ilustre, esse Toribio Medina sempre se manteve fiel ao pensamento de que, se a pequena história, a história estreita, separa os povos, a história generosamente grande, aquela que para enaltecer com justiça o que é nacional não desce a amesquinhar com injúria o que é estrangeiro, essa, sim, pode favorecer a paz.

Em seguida referiu-se ao labor de Toribio Medina na busca de elementos para a sua «Colección de documentos para la historia de Chile», onde se acumulam numerosos textos relativos á viagem de Fernão de Magalhães, primeiro contacto da Europa com o Chile. Referiu-se ao volume documental, «El descubrimiento del Océano Pacifico», com o qual o escritor chileno colaborou nas comemorações do 4.º centenário da viagem de circumnavegação levada a cabo por Fernão de Magalhães. Ilustrando a sua oração com a leitura de alguns trechos do historiógrafo Toribio Medina, o prof. Damião Peres, no final, afirmou:

—Utilizando o copioso material persistentemente acumulado, e que compreendia documentos officiais, relatos de mariantes, informações officiosas, e textos de cronistas, ergueu Toribio Medina o monumento historiográfico que é a referida memória, comemorativa do quarto centenário da passagem de Fernão de Magalhães pelo estreito que com justiça ficou ostentando o apelido desse seu descobridor, livro ainda não superado nas linhas fundamentais da sua arquitectura, sem embargo de já decorridos mais de trinta anos após a sua publicação, e do qual a moderna historiografia portuguesa veio confirmar algumas afirmações que se diriam divinatórias.

DOIS PINTORES ATACADOS por intoxicação de tintas

ALMADA, 22.—(Pelo telefone).—Hoje, ás 11 e 30, deram entrada no hospital de Almada os operários Alfredo Martins, de 20 anos, solteiro, residente na Travessa da Amoreira, 20, rés-do-chão, em Lisboa, e Carlos Silva, de 44 anos, solteiro, morador em Caranguejais de Cima, Almada. Estes operários foram vítimas de intoxicação, quando procediam á pintura do porão de um submersivel, no Alfeite. A intoxicação deu-se, ao que parece, por aqueles operários terem começado o seu trabalho junto da saída, que depois não podiam atingir por escorregarem nas tintas. Quando foram encontrados lutavam desesperadamente para sair, o que não conseguiriam sem o auxilio alheio.

Ambos os operários se encontram livres de perigo.

«MÉDIUM» E CURANDEIRA foi parar á cadeia

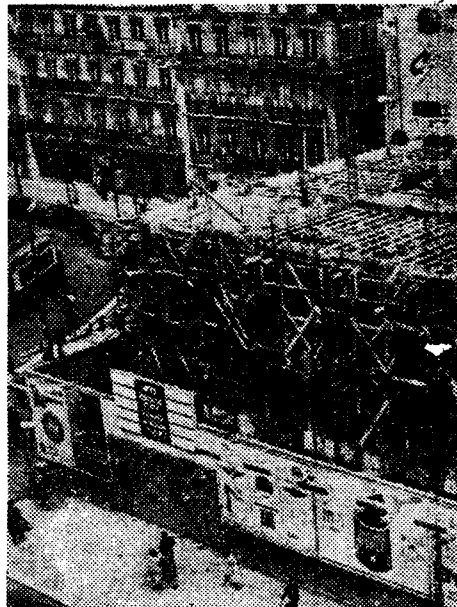
Maria Azevedo Dias, residente na Rua de Arroios, 223, 1.º, foi presa em flagrante quando, num quarto de três metros quadrados, se achava rodeada de 22 pessoas, doentes vindas de vários pontos do País. Maria Azevedo Dias, que se diz «médium» dum grupo espirita, applicava aos doentes «passos magnéticos» que afirmava que fazem passar todas as dores, e eles recompensavam-na com géneros alimentícios, como azeite, açúcar, etc. Trata do caso o agente Botelho, da 6.ª secção da Polícia Judiciária, em cujos calabouços deu entrada a Maria Azevedo Dias.

Antes de comprar qualquer figurino peça ao seu fornecedor

CHARM

JANEIRO

A VENDA EM TODO O PAIS
Distribuidor exclusivo em PORTUGAL
ARNALDO VINHAS SANTOS
Apartado 588 — Lisboa C



Um aspecto da obra, visto do

Val muito adiantado

do edificio das ruas do Jardim

Não tiveram razão os que temeram que se eternizasse a existência daquele grande tapume construído no local onde existiram, além de muitos outros estabelecimentos, o Hotel de Inglaterra e o Café-Restaurante Suíço, bem como os escritórios da Sociedade Industrial Aliança...

Negociados os acordos necessários com os inquilinos particulares e comerciais dos referidos prédios—a aglúns dos quais foi dada a garantia formal e legal de reinstalação nos imóveis a construir—a Camara Municipal pôs a concurso, no dia 20 de Maio do ano passado, a primeira das empreitadas para a realização do grandioso projecto architectónico de mestre Luis Cristiano da Silva: a que se refere á construção do edificio de gaveto das ruas Jardim do Regedor e Primeiro de Dezembro (lote A) e da tabacaria (lote B).

Apareceram vários concorrentes, tendo os trabalhos sido adjudicados, por 8.307 contos, ao conhecido empreiteiro Carlos Eduardo Rodrigues, que encarregou dos respectivos cálculos o sr. engenheiro Pedro Cavaleri Martinho.

Um petroleiro português

(Continuação da 1.ª página)

Esta viagem do «Cercal» foi delineada por forma a que o navio, além de efectuar o frete de combustível para o Japão, possa contribuir, no seu regresso do Extremo-Oriente, para o abastecimento do País, detendo-se no Golfo Pérsico para carregar gasolina e petroleo para Lisboa. Desta forma, a primeira parte da viagem, em regime de fretamento, é concatenada com a segunda parte, feita já ao serviço da economia nacional.

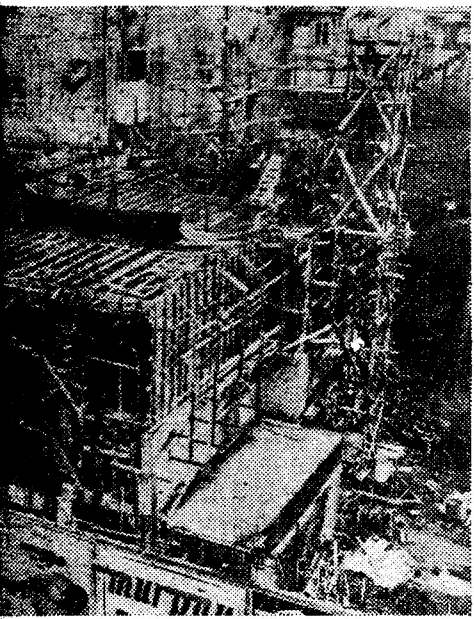
O itinerário da viagem é interessante. De Lisboa, o «Cercal» largou com destino a Port Arthur (Texas-Estados Unidos), onde carrega 16.000 toneladas de gasoleo e daqui partirá para atravessar o Canal do Panamá, donde soltará rumo para Sasebo (Japão) porto onde procederá á descarga do combustível. Vem depois para a Arábia Saudita e, no porto de Ras Tanura, carrega outras 16.000 toneladas de gasolina e petroleo para Portugal. Atravessa o Canal do Suez e regressa ao Tejo. Terá efectuado assim a volta ao Mundo num percurso de 26.260 milhas. O «Cercal», que pertence á frota da Sociedade Portuguesa de Navios Tanques, deve efectuar esta viagem em 92 dias.

Com 15 % de desconto s
FABRICA "O"
os nossos preços

Faqueiros completos em
peças, desde
Os principais Hoteis, Restau
de todo o m

CHRIS
TUDO PARA HOTEIS — Bule
reiros, Travessas, Pratos redo
A PREÇOS
REPRESENTANTES EXC
PARA PORTUGAL CO

Antiga Casa Jo
Rua Garrett, n.º 8
Telefone 2 67 91



Primeiro andar do «Avenida Palace»

da a construção

de gaveto

do Regedor e 1.º de Dezembro

Em Junho do ano passado, começou a obra; e sete meses depois, ela já vai muito adiantada, pois, executados o movimento de terras, os muros de suporte e as fundações, já estão construídos: a cave, para armazéns; o rés-do-chão, para lojas; e o primeiro e o segundo andares, para estabelecimentos. E já aforam os espigões de ferro para o levantamento do terceiro andar, trabalhando ali numerosos homens, numa febril azáfama.

Para que possam fazer uma ideia da grandiosidade da obra aqueles leitores que não a possam observar, vamos dar alguns pormenores do caderno de encargos referente a esta empreitada que compreende o fornecimento de todos os materiais e a execução de todos os trabalhos necessários:

O plano de execução dos trabalhos é de 14 meses, sendo o prazo de garantia de 1 ano. Aqueles compreendem: alvenarias hidráulica de pedra rija, de pedra semi-rígida, de tijolo furado e de tijolo maciço; betão armado de 300 quilos por metro cúbico, com granulometria adequada; cantarias de Pero Pinheiro, de primeira qualidade; carpintarias, utilizando as melhores madeiras nacionais, secas; serralharias em ferro laminado e em ferro fundido metalizado a bronze; revestimentos em mosaico hidráulico, mármore lioz, madeiras de pinho e de mogno africano, simili polido e azulejos sanitários; estuques dos pavimentos em betão-linha lisa, mosaicos e tacos de madeiras rijas nacionais (azinho e mogno africano); vidraças; canalizações; instalações sanitárias; pintura a óleo, parte dela com acabamento a esmalte; encerramento; envernizamento; instalação eléctrica, para iluminação e força motriz; sinalização; telefones internos e tubagem para os telefones da Companhia, etc.

Logo que estiver concluída esta empreitada, o Município reinstalará alguns dos antigos inquilinos e procederá ao aluguer das outras instalações, possivelmente por meio de concursos públicos.

Um grande prédio na Baixa

A Companhia de Seguros «A Mundial» possui, na Rua da Palma, um terreno, onde existia um velho prédio que o camarelho municipal condenou a demolição. Após negociações entre aquela entidade e a Câmara, foi por esta cedido, em troca daquele, outro terreno, limitado pelas ruas dos Fanqueiros, da Palma e Barros Queirós, onde aquela Companhia vai construir um dos maiores prédios de Lisboa.

obre as tabelas da

CHRISTOFLE"

causam ADMIRAÇÃO

al branco prateado com 123

esc. 3.793\$00

antes, Comp.ª de navegação

ndo preferem

TOFLE

, Leiteiras, Cafeteiras, Açuca-

ndos, Baldes para gelo, etc., etc.

XCEPCIONAIS

USIVOS E DEPOSITARIOS

TINENTAL E INSULAR

é Alexandre, L.ª

3 a 18 - LISBOA

Telegramas CASALEX

Chegaram a Paris

os concorrentes

ao «Rallye» de Monte Carlo

saídos de Lisboa

PARIS, 22.—As 11 e 30 chegou o primeiro concorrente saído de Lisboa, o n.º 2, Noailles-Grangeneuve, seguido três minutos depois pelo n.º 3, Pattey-Renaud. 105 concorrentes do grupo de Lisboa alcançaram Paris dentro dos tempos normais. Só faltam os n.ºs 9, 51 e 61.

O posto de fiscalização estava instalado nos salões da casa da América Latina, onde a Acção Automobilística e Turística preparou uma refeição volante aos concorrentes.—(F. P.).

Um acidente grave

MAUBEUGE (França Setentrional), 22.—Três concorrentes balísticos ao «Rallye» de Monte Carlo ficaram feridos—um deles gravemente—quando o seu carro, um «Jaguar», teve hoje um acidente perto de Maubeuge.

O hospital desta cidade disse que um dos concorrentes, Stanley Boshier, tinha ficado com uma das pernas esmagada; e que se receava que tivesse de ser amputada. Os outros tripulantes do carro tiveram apenas ferimentos ligeiros.

O acidente deu-se quando o «Jaguar» embateu com uma árvore depois de ter derrapado no piso gelado.—(R.).

Uma equipa feminina desiste

LIEGE, 22.—O carro tripulado pelas senhoras Molander e Lundberg teve uma avaria na caixa de velocidades depois de ter passado a fronteira holando-alemã em Denekamp Osur, na Holanda. A reparação levou muito tempo, o que obrigou as concorrentes a desistir.

No posto de «controle» desta cidade, esta noite, passaram 102 carros.—(F. P.).

Os 86 anos

da

Casa dos Panos

Faz hoje, dia de S. Vicente, padroeiro da cidade de Lisboa, oitenta e cinco anos que Manuel Luís de Macedo fundou a Casa dos Panos. Tinha então apenas uma porta—a que ainda conserva o n.º 45 da Rua dos Fanqueiros.

Poucos anos depois, porém, a casa foi ampliada com a que faz esquina para a Rua de S. Julião e que tinha pertencido aos Pinheiros, os parentes do actor Chaby, e que ali, durante largos anos foram moradores afortunados.

Manuel Luís de Macedo teve, evidentemente, o objectivo que tinham e têm todos os comerciantes que se estabelecem: o de fazer uma casa, uma grande casa comercial. Mas não desejou apenas vender com limitados lucros e foi muito mais longe: quis principalmente servir bem, quis que o freguês de um dia passasse a ser o freguês de sempre, quis que as gerações das famílias que então frequentavam a casa se seguissem as gerações imediatas e a estas as outras que se sucedessem. E conseguiu-o. Existe um grande número de famílias em Lisboa e na Província, que são fregueses da Casa dos Panos desde os primeiros anos da sua existência. Venderam-se aqui os enxovais de noiva para as avós, para as mães, para as filhas e hoje estão-se vendendo para as netas.

O fundador faleceu em 26 de Setembro de 1915 e o sucessor foi seu filho Carlos Macedo, que não só manteve a mesma orientação na administração da casa, como ainda elevou e ampliou o seu renome entre o grande Comércio da capital. Hoje a Casa dos Panos goza indiscutivelmente de um lugar insuspeitado entre as grandes casas comerciais de Lisboa, ou melhor, do País, visto contar fregueses dedicados em todas as Províncias. Carlos Macedo que foi uma das figuras de maior proeminência na freguesia da Madalena, na qual está estabelecida a Casa dos Panos, era condecorado com o grau de oficial da Ordem de Benemérita e faleceu em 8 de Fevereiro de 1950, tendo-lhe sucedido seu filho, o actual proprietário.

Uma das facetas curiosas da administração deste estabelecimento tem sido saber conservar os seus empregados que por sua vez têm mostrado possuir as qualidades que os tornam exemplos de competência e dedicação. Os proprietários da Casa dos Panos e os seus empregados, têm constituído sempre uma grande família e só assim se explica que além dos empregados com mais de trinta anos de casa, esta se orgulha de contar entre eles Manuel Baptista Moreira, com mais de 58 anos de colaboração zelosa e efectiva. Este empregado—um amigo dos proprietários que tem tido esta casa—foi condecorado com o grau de cavaleiro da Ordem de Mérito Industrial ao perfazer cinquenta anos de serviço.

Ultimamente, devido à preferência que a população de Lisboa continua a dispensar à Casa dos Panos, foi necessário ampliá-la de novo para o lado da Rua de S. Julião, o que originou a grande transformação por que está passando, com deixar-se contudo de respeitar a sua antiga traça. As novas instalações, que se irão inaugurar brevemente, passarão a abranger os n.ºs 45 a 49 da Rua dos Fanqueiros e os n.ºs 37 a 45 da Rua de S. Julião.

O sentido dos acontecimentos (3)

Em Setembro de 1950, na reunião do Conselho do Atlântico, que se realizou em Washington, o secretário de Estado, Dean Acheson, introduziu no circuito internacional um factor novo e desconcertante: o rearmamento da Alemanha. A iniciativa americana teve uma réplica imediata no plano Plevén, de exército europeu. O autor desse plano é o sr. Jean Monnet a quem cabe, igualmente, a responsabilidade de ter arquitetado o plano Schuman.

A iniciativa americana marca uma data capital na evolução dos acontecimentos, depois da guerra. Nos seus efeitos e nas suas repercussões imediatas, pode equiparar-se à demissão de Delcassé imposta pelo chanceler Bulow, em 1906, e à aceitação, pelos vencedores da primeira guerra mundial, em 1923, da existência de uma Reichswehr engrandecida.

Depois disso, as manifestações do rápido renascimento do nacionalismo alemão, nos moldes da Weltpolitik e da teoria do espaço vital, multiplicaram-se de uma forma inquietante. Decorridos três dias sobre a revelação da existência de uma vasta rede conspiratória, organizada por alguns antigos e categorizados dirigentes nazis, os alemães celebraram, solenemente, em 18 deste mês, o aniversário da criação do Império dos Hohenzollern.

Em Berlim realizou-se uma grande manifestação. Em Hamburgo houve um desfile de Capacetes de Aço. O velho príncipe Ruprecht da Baviera, representante da dinastia dos Wittelsbach, regressou no meio de aclamações ao seu castelo de Munich. Um dos oradores que usou da palavra na antiga capital do Reich, o chefe do partido conservador, dr. Wilhelm Schmidt, provocou uma tempestade de aplausos ao dizer: «Queremos a restauração da Alemanha de Bismarck, abrangendo o território que vai da Holanda a Memel. Os Aliados querem que nos encarreguemos da defesa do Ocidente porque ainda se recordam das nossas vitórias militares na última guerra».

Tal é o tom que anima, com um significado irrefutável, o renascimento do espírito belicoso e expansionista na Alemanha dividida e diminuída em consequência da derrota e da ocupação. Antes da apreensão dos documentos encontrados ao grupo de Naumann, as autoridades aliadas tinham, já há meses, na sua frente o espectáculo elucidativo de um ruído algar de escudos que visava directamente as nações ocidentais.

Na proclamação aos eleitores, em que defendeu a sua candidatura a deputado, o antigo chefe das Secções de Assalto, Wilhelm Schepmann, definiu assim a atitude que se propunha tomar: «A ditadura? Há quem nos acuse de aspirar a ela. Mas onde está o ditador? O verdadeiro ditador, aquele que nos domina a todos, é o judeu, único soberano verdadeiro da democracia, do bolchevismo e do Vaticano. Alemães, onde quer que vos encontréis! Pacifistas, bávaros, prussianos, saxões, católicos, protestantes, livres pensadores, operários, camponeses, intelectuais. Conservai-vos firmes. Esperai. Não tardará que nós voltemos».

Um jornalista, desejoso de revelar ao Mundo uma nota sensacional de re-

portagem, escrevia: «Este ano o cinzeno voltou a usar-se muito na Alemanha». Atentos aos apetites e às preferências do público, as editoriais lançaram-se abertamente no caminho da publicação de trabalhos destinados a reabilitar, historicamente, o Terceiro Reich, de Adolfo Hitler.

Um autor ignorado, Peter Kleist, conheceu a celebridade com uma vasta obra sobre as responsabilidades do regime nacional-socialista na segunda guerra mundial. «Nunca, no curso da História, escreve aquele autor, um povo entrou em guerra com a consciência mais limpa do que o povo alemão ao invadir a Polónia, em Setembro de 1939».

O «best seller» do ano findo foi na Alemanha um livro que o general Hausser dedicou à acção da Waffen S S «em todas as frentes de batalha». Com o livro do general Hausser, o «Calendário do soldado», editado pela Schild Verlag, de Munich, conhece uma popularidade enorme entre os alemães. Nesta publicação, completada por um magazine que oferece aos leitores «as narrativas tonificantes da vida do soldado», é possível encontrar a evocação «dos aniversários patrióticos» entre os quais figuram as datas da invasão da Polónia, da Noruega e da Holanda.

Nada mais elucidativo do que a parada dos S. S. que desfilou nas ruas de Verden e a qual assistiram delegações de todas as formações daquele corpo de elite que se distinguiram na última guerra. Tem um estranho sabor evocativo os nomes que reaparecem nimbados por uma aureola de reconhecimento e mistério: «Wikings», «Das Reich», «Leibstandarte Adolfo Hitler» (Guarda pessoal do Führer), «Totenkopfdivision» (Caveiras), «Germania», «Gross Deutschland» (Grande Alemanha).

Silencioso, elegante, o antigo comandante da divisão «Wikings», general Gilles, presidiu à cerimónia de Verden, que uma intervenção insólita do seu camarada Ramcke, que comandou uma divisão de pára-quedistas, valorizou com os acentos estridentes dos toques de clarim. «Verdadeiros criminosos de guerra», disse Ramcke, são os homens que estão a construir esta paz desgraçada, os que destruíram as cidades alemãs inocentes e pulverizaram Hiroshima. Os combatentes da Waffen S. S. podem figurar nas listas negras dos Aliados. Nós consideramos essa inclusão como um título de honra». Interrogado, para dizer a razão da sua inesperada diatribe, Ramcke deu esta resposta lapidária: «Era preciso dizer aos que ocupam o nosso país a verdade. Foi a verdade que eu lhes disse».

Em Washington o Poder acaba de passar a novas mãos. Em Londres fez-se na Câmara dos Comuns uma unanimidade sintomática para apreciar a evolução dos acontecimentos da Alemanha Ocidental. Em Paris constituiu-se um governo para rever a política externa da França. Acoitada, mais uma vez, pelo vendaval do nacionalismo alemão, a Europa conhece a inquietação e a ansiedade que, por mais de uma vez nos últimos dois séculos, foi o signo revelador da sua decadência progressiva.

Bico Douro
BOITE NUIT

Leitão & Irmão

JOALHEIROS

Comunicam que, para efeitos de inventário, encerrarão o seu estabelecimento nos dias 26 e 27 do corrente.

Se tem o seu seguro

na

SOCIEDADE PORTUGUESA SEGUROS

está mais seguro

VIVER COM ALEGRIA

e saber retribuir as gentilezas que recebemos. Para um brinde de gosto, Grande Ourivesaria Pimenta, Rua Augusta, 253 a 257

AMANHÃ SALDOS

na

Camisaria Confiança

Rua Augusta 284-286

POR MOTIVO DE BALANÇO

S. R.

Junta de Freguesia das Escolas Gerais

EDITAL

Esta Junta faz publico, nos termos e para os efeitos do disposto no Art.º 212.º do Código Administrativo, que a partir do dia 1 de Fevereiro e até ao dia 15 de Março poderão os chefes de família requerer a sua própria inscrição ou a de terceiros no recenseamento eleitoral desta freguesia, se uns e outros reunindo as condições de capacidade eleitoral não estiverem inscritos.

A inscrição tem lugar ás 2.ªs e 5.ªs feiras das 17 e 30 ás 19 e 30 horas, na Sede da Junta de Freguesia, Palácio de S. Vicente.

Lisboa, 20 de Janeiro de 1953.

O PRESIDENTE

a) João Pedro Martins

LIGEI-
ROSPESA-
DOS

SALA DE ENSINO TECNICO
Habilitação completa
Trav. das Freiras, 1, ao Hospital de
Arroios — LISBOA



Doutor Domingos Fezas Vital

Os Corpos Gerentes da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses cumprem o doloroso dever de participar que faleceu o Doutor Domingos Fezas Vital, Vogal do Conselho de Administração da Companhia e que o seu funeral se realiza hoje saindo ás 19 horas, da Igreja de São Sebastião da Pedreira para a estação do Rossio.



Professor Doutor Domingos Fezas Vital

FALECEU

O Conselho de Administração e o Conselho Fiscal da Empresa Geral de Transportes cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do Ex.º Sr. Presidente do Conselho de Administração, sr. Professor Doutor Domingos Fezas Vital, cujo funeral se realiza hoje, pelas 19 horas, da Igreja de S. Sebastião da Pedreira para a estação do Rossio.

AGENCIA SALGADO



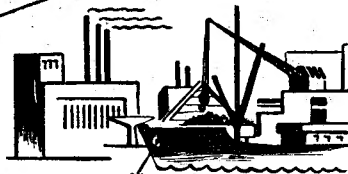
Professor Doutor Domingos Fezas Vital

FALECEU

O Conselho Geral do Banco Nacional Ultramarino participa o falecimento do Ex.º Sr. Prof. Doutor Domingos Fezas Vital, Presidente da Mesa da Assembleia Geral do Banco, e que o seu funeral se realiza hoje, ás 19 horas, da Igreja de S. Sebastião da Pedreira.



At serviço da



INDUSTRIA



E AGRICULTURA

DESDE O MAIS FINO AÇO RAPIDO
AO MAIS CORRENTE AÇO AO CARBONO

F. RAMADA

PORTO

OVAR

LISBOA

P. D. Filipa de Lancaster, 34 • Telef. 70 e 140 • Rua de S. Paulo, 66
Telef. 21485 21486 e 26410 Teleg. FRAMADA Telef. 33733, 33734 e 33735



PROF. DOUTOR DOMINGOS FEZAS VITAL

FALECEU

A Junta Central, o Conselho da Lugar-Tenencia e os demais organismos da Causa Monárquica cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do eminente Prof. Doutor Domingos Fezas Vital, ilustre Lugar-Tenente do Senhor Dom Duarte de Bragança, e que o seu funeral se realiza hoje, pelas 19 horas, da Igreja de S. Sebastião da Pedreira para a Estação do Rossio, de onde seguirá para Caminha.



Professor Doutor Domingos Fezas Vital

FALECEU

O Conselho Geral do Banco de Portugal cumpre o doloroso dever de comunicar o falecimento do seu saudoso e ilustre Presidente da Assembleia Geral Excelentíssimo Senhor Professor Doutor Domingos Fezas Vital, e que o seu funeral se realiza hoje, 22, pelas 19 horas, da Igreja de S. Sebastião da Pedreira, para a Estação do Rossio.



OFICINAS

ESTACÃO DE SERVIÇO

CITROËN

REPARAÇÕES
DE
AUTOMÓVEIS

Trabalhos com orçamento

MECANICA — ELECTRICI-
DADE — BATE-CHAPA
ESTOFADOR — PINTURA
com pessoal especializado,
sob controle directo da Fá-
brica, exclusivamente com
Peças de origem

LUBRIFICAÇÃO
ESPECIALISADA
com produtos de 1.ª quali-
dade recomendados pela
FÁBRICA

12, AVENIDA DEFENSORES DE CHAVES
(ao Saldanha)

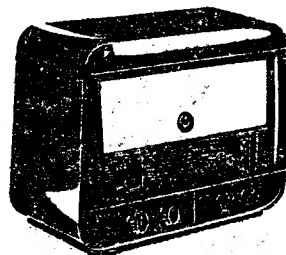
LISBOA

Tel. 41141/42



HORNYPHON

RÁDIOS
DE NOVA
TÉCNICA



Mod. 452 Esc. 2.850\$00

COM ONDA MARITIMA

Admirável este rádio, especial-
mente estudado pelos técnicos
de Viena para o litoral portu-
guês. Grande captação a par
de uma fiel reprodução.



MISSA DO 7.º DIA

D. Elvira d'Ascensão Jara d'Orey

FALECEU

Confortada com os Sacra-
mentos da Santa Madre
Igreja

R. I. P.

Seus filhos, noras, netos, bis-
netos e cunhadas cumprem o
doloroso dever de participar
que foi DEUS servido chamar
à Sua Divina Presença, no dia
16 de Janeiro corrente, a sua
muito querida mãe, sogra, avó,
bisavó e cunhada.
Por seu eterno descanso se-
rão celebradas missas ama-
nhã, sexta-feira, 23 do corren-
te, na Igreja de São Paulo, ás
9 horas, na Basilica da Estre-
la, ás 10 horas, e na Basilica
dos Martíres pelas 12 horas.

P. N. A. M.

DIÁRIO DE LISBOA

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE: O céu está fortemente nublado nas regiões a Sul do sistema montanhoso do Monte-Únto-Estrela, e com algumas nuvens nas restantes regiões do País. O vento é moderado a fresco do quadrante Sueste. A depressão que tem afectado o tempo nos Açores, Madeira e nas regiões do Sul do País tende a deslocar-se lentamente para Norte.

PREVISÃO ÀS 24 (T. M. G.) DE AMANHÃ: Ao Sul do sistema Montejunto-Estrela — Céu geralmente com nebulosidade. Possibilidade de chuva fraca. Vento moderado a muito fresco do quadrante Sul.

Ao Norte daquele sistema: Céu pouco nublado e vento moderado do quadrante Sueste. Temperatura com grande modificação.

Temperaturas extremas registadas hoje, em Lisboa, até às 15 horas: máxima, 13,4; mínima, 5,4. No mesmo dia do ano passado: máxima, 12,7; mínima, 5,2.

PROGRAMAS DA RÁDIO

EMISSIONA—As 18 e 30. Danças: 19. Noticiário: 19 e 30. Rádio-Mocidade: 19 e 30. O compositor da semana: Verdi: 20. O Caso do Dia: 20 e 15. Música ligeira sinfónica: 20 e 30. Noticiário regional: 20 e 35. Que quer ouvir?: 21. Noticiário e desdobramento.

Programa «A»—As 21 e 15. Orquestras típicas: 21 e 30. Pastatempo musical: 22. A vida começa amanhã: 22 e 30. Zarzuela: 23. Rádio-Cinema: 23 e 30. Dança: 23 e 30. Resumo noticioso: 0. Encerramento.

Programa «B»—As 21 e 15. Música de arco: 21 e 30. Crónica semanal: 21 e 45. Música de teclado: 22. Recital de piano: 22 e 20. Crónica musical: 22 e 30. Recital de fagote: 23. Que quer ouvir?: 23 e 30. Juncão de programas.

RÁDIO CLUBE—As 19. Variedades: 19 e 15. União dos Defensores da Língua Portuguesa: 19 e 30. Jornal: 20 e 20. Música portuguesa: 20 e 30. Produção Sonante: 21. Vozes de Portugal: 22 e 30. Companheiros da Alegria: 23 e 45. Música brasileira: 0. Música de

dança: 0 e 20. Solistas: 0 e 45. Rádio-jornal: 1. Fecho.

RENASCENÇA—Das 19 e 30 às 0.

RÁDIO UNIVERSIDADE—Das 19 e 45 às 20 e 55.

POSTOS CENTRALIZADOS—Das 17 às 19 e 30. Rádio Górgas: das 19 e 30 às 22. Voz de Lisboa: das 22 a 1. Cube Radiofónico de Portugal.

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNOS—União—Estrada de Benfica, 592-594—Tel. 58-092; Aguiar—Estrada de Benfica, 197-199—Tel. 58-043; Leal de Matos—Rua de Naves Costa, 33-35—Tel. 58-181; Patuleia—Herdade—Rua do Lumiar, 122-124—Tel. 79-332; A'valade—Avenida da Igreja, 18-B—Sítio de Alvalade—Tel. 77-170; Belmar—Avenida de Roma, 53—Tel. 76314; Miranda—Campo Pequeno, 36-B-C—Tel. 70776; Aca—Lda—Av. Praça da Vitória, 53-55—Tel. 43928; S. Sebastião (D.)—Largo de S. Sebastião da Pedreira 1-3—Tel. 48642; Jaime José da Costa—Rua do Conde de Redondo, 68-72; Tel. 54342; Ascensão—Rua 19—Baixo da Encarnação—Tel. 399216; Marvila (D.)—Rua Direita de Marvila, 25; Banha—Estrada de Chelas, 173-175—Tel. 39683; Nova Luz—Rua A. d. Avenida de D. Afonso III, 28-A—Tel. 843439; Nacional—Rua de S. João da Praça, 26—Tel. 28032; Silva—Calçada de Santo André, 16—Tel. 26474; Central da Penha—R. da Penha de França, 60—Tel. 849245; Imperial—Av. de Guerra Junqueiro, 30-B—Tel. 76860; Cândido Monteiro—Avenida do Almirante Reis, 121-B—Tel. 45751; Co'onal—Caminho do Forno do Tijolo, 40—Tel. 841122; Central de Campolide—Rua do General Taborda 17—Tel. 40304; Castro—Rua de S. Bento, 199-A—Tel. 60513; Almeida—Rua de Silva Carvalho, 136—Tel. 63226; Lobe—Rua de Infantaria 16, 190-A—Tel. 63807; Paiva & Parente—Rua de Santo António à Estrada 96-98—Tel. 65196; Neves, S. e—Rua da Bela Vista à Lapa, 35—Tel. 61251; Bom Sucesso—Rua de Bartolomeu Dias, 63—Tel. 38754; J. A. Silva—Rua dos Quarteis, 25-27—Tel. 37777; Lisbonense—Rua do 1.º de Maio, 10—Tel. 37020; Fontoura de Carvalho—Rua de Santos-o-Velho, 12—Tel. 62075; Central—Rua de S. Paulo, 29389; Macedo—Rua do Loreto, 71—Telefone 23631; Estácio—Praça de D. Pedro IV, 60-63—Tel. 27067.

BOLSA DE LISBOA

VALORES	Efectuado	Compra	Venda
Fundo do Estado			
Consolidado 2 3/4 T. 10	—	784\$	787\$5
Consolidado 3 % T. 10	859\$	—	860\$
Consolidado 3 1/2 T. 10	993\$	992\$	994\$
Centenários 4 %	2.187\$	2.175\$	2.180\$
Obrig. Tes. 2 1/2 1942	958\$	956\$	958\$
Obrig. Tes. 2 1/2 1943	—	—	957\$
Externas 1.ª carimbadas	1.215\$	1.210\$	1.220\$
Externas 3.ª carimbadas	1.337\$	1.335\$	1.340\$
Cautelas 3.ª série s/ l.	—	150\$	151\$
Ações			
Lisboa e Açores port.	—	1.691\$	1.699\$
Ultramarino op. T. p.	1.267\$	1.267\$	1.268\$
Portugal port. T. p.	—	1.360\$	1.390\$
Mundial...	—	1.900\$	2.000\$
Águas Lx.ª 1934 T. p.	185\$	—	184\$
Águas Lx.ª 1936 T. p.	180\$	180\$	184\$
Cimentos Tejo...	—	350\$	—
Cimentos Leiria T. p.	480\$	470\$	485\$
Crédito Predial port.	18\$	18\$	183\$
Gás Electricidade cupão	1535\$	1525\$	1535\$
Alto Alentejo cupão...	1425\$	1425\$	143\$
Industrial Aliança...	—	350\$	—
Portugal e Colónias...	345\$	344\$	346\$
Nac. de Navegação T. p.	1.271\$	1.270\$	1.275\$
Colónial de Navegação	—	855\$	860\$
Port. de Pesca T. p.	980\$	970\$	980\$
Tabacos Portugal cupão	457\$	456\$	458\$
Tabacos Portugal cupão	610\$	608\$	612\$
União Eléctrica Port.	2495\$	249\$	250\$
Casseque...	1.463\$	1.462\$	1.465\$
Agrícola das Neves...	1.170\$	1.160\$	1.180\$
Agricultura Colonial...	—	600\$	615\$
Açúcar de Angola...	—	3.100\$	3.190\$
Buzi...	147\$	146\$	147\$5
Cabinda...	—	223\$	226\$
Ilha do Príncipe...	—	1.490\$	1.550\$
Zambézia T. de 25...	127\$	126\$	127\$
Moçambique...	180\$5	180\$	181\$
Eléctrica das Beiras...	1.850\$	1.830\$	1.860\$
Obrigações			
Águas de Lisboa 5 %...	—	505\$	—
Norte de Portugal 5 %	—	107\$	109\$

J. BURNAY, LDA. LIBRAS OURO
Ouro em barra
RUA DO OURO, 72 — TELEF. 21273

GABARDINES
IMPERMEÁVEIS e SOBRETUDOS
O melhor sortido do País aos mais baixos preços
CASA INGLESA
EM LISBOA
RUA DE SANTA JUSTA, 95, 1.º
(Esquina da Rua do Ouro).

NO PORTO
RUA DE SANTA CATARINA, 84
(Esquina da Rua Passos Manuel).

Prof. Fezas Vital

(Continuação da 1.ª página)

de Bragança, o ministro da Presidência, em representação do sr. presidente do Conselho; ministros da Justiça e dos Negócios Estrangeiros, e sub-secretário de Estado da Agricultura, conselheiro Sampaio e Melo, presidente do Supremo Tribunal de Justiça; profs. drs. José Alberto dos Reis, Mário de Figueiredo, Castro da Mata, Armindo Monteiro, Abel de Andrade, Luís Pinto Coelho e Adalino Palma Carlos, bastonário da Ordem; drs. Rui de Andrade, Castano Belão, Emílio Fato, Luís Macêra, Adolfo de Andrade, Emílio Mendes, Vítor dos Santos, Madeira Pinto, Braga Paixão, Moita Veiga, Correia de Oliveira, Carlos Moreira, Pinto Osório; engenheiros Campos Henriques, Mário Costa, Branco Cabral; condes de Sylves e de Campo Belo; comodoro Nuno de Brion, coronel Esmeraldo de Carvalhais, comandante Júlio Caibla, Celestino Ramos, Manuel Ortigão Burnay, e muitas outras pessoas.

A trasladação foi feita a ombros dos filhos do extinto, e durante a tarde desfilarão pelo templo tantas pessoas que impossível seria dar os nomes de todas. O funeral saí às 19 horas para a vila de Caminha, terra da naturalidade do sr. prof. Fezas Vital, e dele trata a Agência Barata.

O professor Domingos Fezas Vital, que nasceu em Caminha, completou, há pouco 65 anos de idade. Cursou Direito na Universidade de Coimbra, salientando-se, ainda estudante, pela sua viva inteligência e pelas suas convicções políticas e religiosas. Ainda na vigência do antigo regime, fez parte da direcção do Centro Monárquico Académico e, quando da implantação da República, emigrou para Espanha, tendo-se alistado nas forças que, sob o comando de Paiva Couceiro, se organizaram na Galiza.

Abraçado por uma amnistia decretada em 1914, o sr. Fezas Vital regressou ao País e, fez então concurso para assistente da Faculdade de Direito de Coimbra, de que viria a ser, mais tarde, professor. Abraçado pela famosa questão universitária, que afastou, temporariamente, da cátedra alguns mestres de Coimbra, o dr. Fezas Vital esteve igualmente suspenso, das suas funções. Data dessa época um folheto que o dr. Fezas Vital publicou com o mesmo título dos que foram editados pelos outros professores atingidos: «A minha resposta» e em que se refutava as acusações contra ele formuladas, liberto pelo inquérito então levado a efeito, o jovem professor voltou ao exercício das suas funções, como os outros colegas. Regendo Direito Político e Administrativo, ali se conservou até ser transferido para Lisboa e depois de ter exercido as funções de director da Faculdade de Coimbra e de vice-reitor da Universidade daquela cidade.

Na Faculdade de Direito de Lisboa, o professor Domingos Fezas Vital regia Direito Constitucional, estando, porém, há dois anos afastado, por motivo da grave doença que o minava.

Jurista de sólida cultura, publicou alguns trabalhos em que deixou assinalados os seus méritos e os seus profundos conhecimentos. Da lista dos seus trabalhos destacou-se: «Do acto jurídico», «Curso de Direito Corporativo», «Heresias político-sociais do nosso tempo», «Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida», etc.

O professor Fezas Vital exerceu as funções de presidente da Junta Nacional de Educação e foi procurador da Câmara Corporativa, da qual foi presidente durante algum tempo.

Vogal da Comissão Permanente de Direito Marítimo Internacional, era igualmente juiz do Tribunal Permanente de Arbitragem de Haia. Foi membro do conselho de administração da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses.

Membro da Acção Católica, de que era uma das figuras mais destacadas, fazia igualmente parte da Associação dos Jurisconsultos Católicos Portugueses. Era igualmente sócio do Instituto de Coimbra.

Em Outubro de 1946, o sr. D. Duarte Nuno de Bragança nomeou o professor Domingos Fezas Vital para desempenhar o cargo de lugar-tenente, que fora anteriormente ocupado pelos srs. Aires de Ornelas e João de Azevedo Coutinho. Por esse motivo, o professor Fezas Vital pediu a demissão dos cargos públicos que implicavam confiança política, explicando, publicamente, numa entrevista que teve então grande repercussão, as razões dessa atitude.

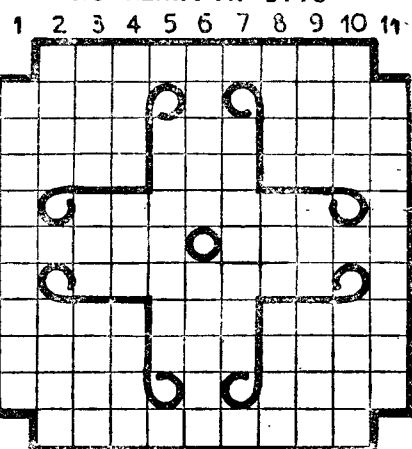
O extinto era condecorado com as grã-cruzes das Ordens do Império Português e de Cristo e possuía o grau de oficial da Legião de Honra.

VIDA MUNDANA

DR. AURELIO BUARQUE DE HOLANDA
Por avião segue, esta noite, para o Rio de Janeiro o sr. dr. Aurélio Buarque de Holanda, ilustre professor, escritor e jornalista, que há duas semanas se encontra em Portugal. O ilustre brasileiro recebeu na sua última estadia entre nós várias homenagens dos seus admiradores e amigos portugueses.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 3716



HORIZONTAIS: 1—Ópera de Wagner. 2—Teia. Cidade do México; á beira do Sonora. 3—Chefe muçulmano. O qual. Actuou. 4—Resido. Alguns. Rasoura. 5—Relativos a Isis. 6—Amofinim. Socorri. 7—Enormes. 8—Escol. Cérceo. Pontífice. 9—Uma e outra. Nome de letra. Rezar. 10—Ant'ga carruagem. Cob-re. 11—Mármore muito branco.

VERTICAIS: 1—Um dos mais ilustres pintores holandeses do séc. XVII. 2—Rece'o. Brisa. 3—Adicionar. R'o da Asia central, tributário do lago Balkhach. Moeda chinesa. 4—Imperador romano que foi um dos maiores monstros da humanidade. Preposição. Doença das vias respiratórias. 5—Fantasia. 6—Disciplina. Preta. 7—Insuficiente. 8—Trans'rar. Escavado. Médico inglês, autor de trabalhos notáveis sobre a doença das vértebras lombares, a que deu o seu nome. 9—Levante. Coragem! Lavar. 10—Sobe-anos. Estomago. 11—Mitigara.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 3715

HORIZONTAIS: 1—Compulsar. 2—Inu. Adie. 3—Nada. Ida. Afim. 4—Os. Lupa. Era. 5—Fium. Rola. El. 6—Repasto. 7—Bi. Edaz. Assu. 8—Ora. Oco. Nó. 9—Sita. Aar. Alar. 10—Save. Ore. 11—Remunerar.

VERTICAIS: 1—C nófobos. 2—Oia. Iris. 3—Mudo. A e. Atar. 4—As. Medo. Ave. 5—Util. Paca. Em. 6—Dur'za. 7—Sá. Após. Oran. 8—Ada. Alta. Na. 9—Rife. Aos. Olor. 10—Eire. Ara. 11—Malmequer.

Angorás-Italianos

Casacos e blusas
TORRE EIFFEL

114 — RUA DO CARMO — 106

Baile dos estudantes da Faculdade de Medicina

Promovido pela Associação dos Estudantes de Medicina de Lisboa, realiza-se no próximo dia 31 do corrente o tradicional Baile dos Quintanistas. Esta realização, que tem despertado o maior interesse nas camadas universitárias da capital, efectua-se na sede da Associação dos Estudantes da Faculdade de Ciências de Lisboa, junto à Escola Politécnica. O baile, que se iniciará às 16 horas e se prolongará até às 24, será animado pelas orquestras de Mário Simões e Behémia.

Quaisquer informações ou pedidos de bilhetes poderão ser atendidos na sede da Associação dos Estudantes de Medicina, no Campo de Santana, ou pelo telefone 42185.

UM CURSO DE LIÇÕES sobre lógica moderna

Depois de amanhã, pelas 18 horas, começará, na sede da Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências, na Rua da Escola Politécnica, um ciclo de quatro lições sobre «Perspectivas da lógica moderna»; pelos srs. professores Vieira de Almeida e Edmundo Curvelo. A primeira, a cargo do primeiro daqueles mestres, intitula-se «Evolução da lógica»; e a segunda, no dia 29, chama-se «Sistemas lógicos» e estará a cargo do segundo. As outras lições realizam-se em 7 e 12 de Fevereiro.

A POPULAÇÃO DE ABRANTES pede a criação duma escola técnica

Uma comissão representativa das forças vivas de Abrantes, que se deslocou hoje a Lisboa, em comboio especial, foi recebida esta tarde pelo sr. prof. dr. Pires de Lima, ministro da Educação Nacional, a quem solicitou a criação duma escola técnica naquela cidade. A comissão era acompanhada do governador civil de Santarém e do presidente da Câmara Municipal de Abrantes.

MELHORAMENTOS LOCAIS

Montagens de telefones no concelho de Freixo de Espada à Cinta

FREIXO DE ESPADA À CINTA—Pelos Serviços Técnicos, los C. T. T. estão a ser montadas linhas telefónicas para as freguesias de Fornos e Masouco, as únicas do concelho que ainda não beneficiavam de tão alto melhoramento. Com ele, fica o concelho ligado a todas as freguesias, pelo que o regozijo é geral.

MILHARES

EM FUNCIONAMENTO

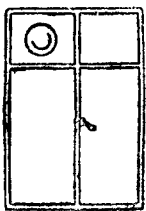


VEN-TAXIA

Se necessita uma boa ventilação...

Porque não instala

VEN-TAXIA ?



UTILIZA-SE CONTRA

Fumos — Ar viciado — Cheiros
Humidades — etc.

SILENCIOSOS

PRÁTICOS

ECONÓMICOS

Fácil instalação

Reduzido consumo

Eficientes

Orçamentos e instalações

DISTRIBUIDORES:

NORTON & C.ª, LT.ª

C. SACRAMENTO, 28

Telef. 34151/54

VIDA Literária

OS NOSSOS CONTOS

Pão para refugiados

por VERA SALEMA

Em 1940 Macau viveu um período de dor e de miséria. Vindos de toda a parte, onde a fome e a morte reinassem, chegavam levados de refugiados. Aquela Macau, pequenina e encantadora, verdadeiro produto oriental, possuindo todos os sortilégios que enfeitiçam, e envenenam, estava saturada de infelizes, que nela tentavam encontrar, senão, repouso espiritual, pelo menos descanso para os seus corpos martirizados das brutalidades dos homens e da indiferença de quem desencadeia as guerras.

Apenas dois anos antes, era alegre, leve e frágil, dessa fragilidade que prende mais os corações do que uma vontade enérgica, mas que por vezes se torna despota.

Eu tinha sido convidado para jantar em casa de Li Chun. Oficial da Marinha de Guerra, no segundo ano de estadia em Macau, conhecia todas as famílias opulentas. Logo à entrada descalcei-me. E, sem ruído, seguido do chinês que parecia nem pisar os pés naquele seu andar saltitante e miúdo, fui levado à presença do dono da casa. Depois de cruzar os braços e inclinar o corpo lentamente, numa saudação oriental, foi-me indicado o lugar de honra à sua direita.

Sentámo-nos em sumptuosas almofadas com motivos chineses bordados a ouro. Em breve, aquela posição incomodava as minhas pernas longas, que ansiavam por uma cadeira, onde pudessem voltar à sua posição habitual.

Durante o jantar pouco se conversou. Divertido, e por vezes embaraçado para não parecer desinteressado na minha ignorância dos costumes orientais, eu não sabia como segurar nos «ta chis», com que se come o delicioso arroz, e estava ansioso que fosse oferecido o cachimbo da paz, que sabia ser a última coisa com que terminava o desfile das apetitosas aguias. Como eu era, felizmente, o convidado de honra, foi-me permitido fumar a seguir ao dono da casa. Foi então que, falando-se a propósito da guerra, os refugiados passaram a fazer parte da nossa conversa.

Chocou-me a indiferença daquela gente, todos, ou quase todos, nascidos em terras orientais, perante a miséria que os atormentava, como não tendo razão de existir, e perturbar as famílias ricas.

Soube assim dos milhares de refugiados que chegavam a Macau, fugidos à fúria japonesa, e que acabavam por morrer de fome, apesar do auxílio que o Governo e a maioria dos membros ricos da comunidade chinesa lhes prestavam.

As congregações religiosas de Macau, e em especial os Salesianos, bondosos e oportunos sempre que a desgraça atingia alguém, recolhiam todos os desgraçados.

Eram porém tantos que dormiam pelo chão, sem nada para os cobrir.

Tinham a fé em Deus e a bondade dos pa-

dres, que amolavam por todos os lados para os seus protegidos. Quis ajudá-los. Fui vê-los.

Nunca esquecerei aquelas caras famintas, desprotegidas de tudo, quase brutalizadas pela crueza da Vida, pela promiscuidade entre homens e mulheres, velhos e crianças. Ali tudo se temia e nada se respeitava. Eram lobos famintos, desgarrados do bom caminho, que trocariam a família a troco duma tigela de caldo.

Mais que a miséria física deles, alguns só ossos, chocou-me o abandono moral em que viviam.

Chegavam como leva de escravos, acorrentados ao seu destino, esses refugiados na maioria de Chineses. Em seus olhos rasgados e obli-

(Continua na 15.ª página)



REINALDO DOS SANTOS

O PRETO NO BRANCO

A proposito dum peixe

Leio nos jornais que se apanhou um peixe muito grande e muito feio cuja espécie devia ter enchido os mares há cem milhões de anos. E vi o retrato do peixe que, na verdade, me pareceu feíssimo. Mas isso não tem importância. O charroco também é feíssimo e todavia é saboroso. Pois veio um sábio, agarrou no peixe, e em vez de lhe dar um destino culinário, resolveu dar-lhe um destino científico. Quer dizer que, em vez de deixar que o partissem às postas e o fritassem ou grelhassem, resolveu injectá-lo para o deixar em exposição numa sala de museu, com um rótulo em latim.

Ora a mim parece-me que, cozinhando o peixe, se tiravam conclusões muito mais científicas do que injectando-o. Em primeiro lugar dilucidava-se logo um problema—saber se ele era comestível ou não comestível. E concomitantemente averiguava-se se o paladar dos homens de hoje ficava ou não lisongeado com a carne dum peixe tão velho. Se um dia—que tudo pode suceder—se apanhasse vivo um homidoio daqueles tempos, punha-se este homem a comer aquele peixe. Via-se se ele gostava e lambia os dedos e depois de lhe comer a posta, se lhe chupava a cabeça e lhe engolia os olhos. E dos resultados da experiência poderia concluir-se se o paladar da nossa espécie variara ou não no tempo. Que no espaço já nós sabemos que varia. Os chineses deliram com ovos podres, com ninhos de andorinhas e barbatanas de tubarões, e desprezam o bife na grelha.

Em vez de fazer isto vão imobilizar o monstro, como esta o «peixe-frade» no museu da Escola Politécnica—e numa nota explicativa, escrita num quadrado de cartão em letra garrafal, elucidam o publico curioso de que aquele peixe tem cem milhões de anos. Eu creio que o publico não ficará fazendo ideia do que sejam cem milhões de anos. O limite de idade é aos setenta e na tropa, creio, que é aos sessenta e cinco. Donde é lógico concluir que a acção exige mais frescura de musculo e de espirito do que a especulação. Eu, que pertenço à classe civil, confesso que me sinto um tanto ou quanto humilhado com esta diferença. Se mandasse nestas coisas aproximava mais de um ou três anos os dois limites, porque estou convencido de que esta reforma correspondia melhor à verdade dos factos.

De resto, a ciência diz-me coisas que eu sou incapaz de conceptualizar. Digo que sim «para fazer geito» mas quando me falam na velocidade da luz, na velocidade de recessão das nebulosas espirais, no espaço curvo e limitado, no Universo em expansão, eu abro uma grande boca pasmada e fico

na mesma. Diante destas afirmações, estou tal e qual como diante dos mistérios teológicos e dos peixes com cem milhões de anos. Não faço ideia. A idade dos peixes só a posso avaliar com auxílio do frigorífico. Fora—envelhecem depressa. Dentro—duram mais. O horizonte do homem é limitado. Há uma coisa que me dá uma razoável concepção dos factos. São os anúncios dos jornais que têm cruces. Leio-os com uma prega séria na testa e com uma emoção que aumenta dia a dia. E mesmo assim conceber, o que se diz conceber, declaro já que conseguindo isso relativamente aos nomes doutras pessoas não há maneira de compreender o facto que vai determinar que seja o meu nome que lá venha.

De resto, não estou inteiramente certo de que eu os não possa ler,—do outro lado... A idade do peixe, a idade do Matusalem, a idade do patriarca Job é que me ajuda a compreensão desse problema. Pelo menos adia-o. Que a solução dada pelo sábio que vai injectar o peixe também não me agrada. Estou em que não daria nada injectado e não gosto que me piquem. Esta coisa das injeções nos peixes e nos homens são de resto contra a palavra divina. «Lembra-te o homem que és pó». Ora sucedeu que, uma quarta-feira de Cinzas, um «ché-ché» que é uma figura carnavalesca dos tempos em que os editais do Governo Civil não proibiam o Entrudo—entrou na Igreja de S. Roque. O templo estava escuro. O «ché-ché» estava bebado. Foi amezendar-se debaixo do pulpito e adormeceu. Instantes depois subia um sacerdote ao pulpito para pregar o sermão das Cinzas. «Memento homo quia pulvis est. Lembra-te o homem que és pó e que em pó te há-de tornar. O «ché-ché» nessa altura acordou e com os fumos da carraspana sem perceber o lugar onde estava, olhando aquele vulto de homem que, lá em cima do pulpito, lhe chamara pó, berrou indignado:

—Pó? Pó será você seu...

E não posso reproduzir a frase grosseira e desrespeitosa.

O «ché-ché», se calhar, queria ser injectado como vai suceder ao peixe milenario.

Desejo que não é o meu. Acho que ser mumia é a coisa mais ridícula que pode suceder a um homem ou a um peixe. E a imortalidade pela estátua também me não agrada. Vem os cães e alçam a perna, e os pombos raios poçam na cabeça dos estatuidos e deixam vestígios da passagem.

Estes problemas enchem o meu espirito de perplexidade. Não acho vantagem em preocupar-nos com eles. A não ser para escrever um «Preto no Branco».

RAMADA CURTO

O Manuelino

de Reinaldo dos Santos

Reinaldo dos Santos vem opulendo, com singular brilho, a arte portuguesa, através de uma série de estudos fundamentais, que são outros tantos monumentos para a sua história. Dir-se-ia que ele traça os planos gerais da sua estrutura, deixando aos outros o cuidado do pormenor, da circunstância, da curiosidade com mais ou menos interesse.

A sua magnífica tarefa tem o carácter de nacionalização, ou melhor, de reivindicação dos nossos direitos artísticos, um pouco obliterados por nós próprios, ou confundido por estrangeiros, que tiveram quase sempre, por objectivo, integrar as obras nacionais nos ramos da arte de aém fronteiras. Isto não é de pouca importância com a pintura, verificou-se também com a escultura e a arquitectura. No primeiro aspecto, o melhor que tínhamos provinha da Flandres; no segundo, quase tudo era criação de artistas franceses, e, quanto ao terceiro, especialmente, no que diz respeito ao manuelino, este não passava de uma mera variante do gótico.

O prof. Reinaldo dos Santos, com admirável sensibilidade, penetrante análise e uma magnífica intuição, tem reparado e esgravado os erros históricos, através dos «Primitivos Portugueses», a «Escultura em Portugal» (dos volumes) e agora no «Manuelino».

O que expõem tão valiosos estudos, de uma clareza meridiana? Que temos, uma arte, de maior ou menor valor, mas autêntica, criada pelo sangue da gente lusitana. Evidentemente, que as modalidades, seja qual for a sua nacionalidade, se integram num todo: o culto do belo nas mais variadas expressões. Nem de outra maneira se compreendia, que um povo, como o nosso, com poetas de feição emocional, não tivesse necessidade de, paralelamente, criar com o seu lirismo, se é que mesmo não era por ele solicitado, outras manifestações do espírito, dentro dos recursos, evidentemente, de que dispunha—pobres, desde já o dizemos.

Foi o seu labor constante? Crimos que não! As guerras da fundação, as descobertas, que duraram alguns séculos, as invasões, a colonização, tudo isso deve ter interrompido o nosso desenvolvimento artístico. E a prova é que, com a paz interna, a chegada à Índia e a descoberta do Brasil, no reinado de D. Manuel—Portugal vive o surto mais alto do seu esplendor, nas artes, sobretudo em arquitectura. Não é uma febre passageira, antes um labor intenso e demorado, que abrangia quase todo o País, e que

(Continua na página seguinte)

O fundador da poesia inglesa



Geoffrey Chaucer, que nasceu em Londres, em 1340, e morreu na mesma cidade em 1400, é denominado o fundador da poesia inglesa.

A sua obra documenta a primeira fase da fixação da língua inglesa, quando o saxão e o antigo normando, estreitamente ligados, produziram uma nova literatura.

A obra mais conhecida de Chaucer: «Os contos de Cantorbéry» são uma imagem flagrantemente da vida inglesa da época. Chaucer, pela sua humanidade profunda, revela-se um dos maiores autores de todos os países e de todas as línguas.

ÁTICA LIVROS

Obras publicadas na «Colecção Poesia»:

Obras completas de Fernando Pessoa (6 vols.)

Obras completas de Mário de Sá Carneiro

CLÉPSIDRA—por Camilo Pessanha

DIA DO MAR—por Sophia de Melo Bryner Andresen

ESTRADA SEM FIM—por Henrique Paço d'Arcos

O LIVRO DE CESARIO VERDE

MUSA DE QUATRO IDIOMAS

—por Herculano de Carvalho

POESIAS—por António Patriçio

e agora

NEM TODA A NOITE A VIDA por Vitorino Nemésio

R. DAS CHAGAS, 25 — LISBOA
TELEF. 20642

leia

a um DEUS desconhecido
os livros de STEINBECK
as três abelhas 15 \$

LIVROS e AUTORES

COMENTÁRIOS DE ARTUR PORTELA

Investigação

(Continuação da pág. anterior)

continuará mesmo depois de ter passado o período epopáico das navegações.

Quanto a nós o manuelino é o único estilo de arquitectura histórica que existe no Mundo. Enquanto o gótico, o românico, o barroco e outros, embora com berços verificados de origem, nada afirmam, particularmente, no concernente à vida dos povos,—o nosso manuelino, com os seus calabres, as suas ancores, as suas cruzes de Cristo, as suas velas, as suas esferas armilares, a sua flora exótica, identifica, ou melhor documenta, na pedra, o que foi a mais bela época da nossa História. O gótico, por exemplo, é transplantado deste para aquele país e, embora sofrendo, as influências locais, torna-se, na idade média—o seu período aureo—um estilo internacional, ao passo que o manuelino, para onde quer que o transplantem, afirma sempre um carácter nitidamente português.

Implantado sobre o ogiva? É possível! Mas isso importa pouco, porque essa escola arquitectónica como todas as outras foram elaboradas com elementos colhidos na terra, pela visão dos homens, e o manuelino inspira-se essencialmente em motivos marítimos, o que de certo modo atesta a nossa prioridade no desenvolvimento dos oceanos e dos continentes desconhecidos. O português transmite à pedra a visão do mundo novo, enquanto os outros povos vão buscar os modelos arquitectónicos ao antigo e, no caso do gótico, lampejo de génio, ao seu fervor religioso. Nós demos ao nosso um carácter naturalista, num desumbramento de revelação. O céu e a terra fundem-se nos seus elementos decorativos. Como que esculpiam, talhados, cinzelamos o oceano, e daí Reinaldo dos Santos comparou a Torre de Belém a uma caravela, que chegasse do Tenebroso.

É muito belo este seu livro. O ilustre crítico traça as coordenadas gerais do manuelino, fixa as suas evoluções, identifica os grandes mestres, dando lugar principal a Balthazar, Mateus Fernandes, Diogo e Francisco Arruda; estuda ainda as repercussões do manuelino na construção particular, de que nos ficaram alguns notáveis palácios, bem como outros edifícios civis. Muito curiosas as notas sobre o mudenarismo, que, no geral, só viveu ao Sul do País.

O «Manuelino», do dr. Reinaldo dos Santos, vem preencher uma lacuna grave na documentação da arte nacional. O exame que dele faz o autor é brilhantíssimo. Reinaldo dos Santos tem o poder de fazer vibrar o que escreve, numa sugestão tão aliciança como convincente. Todos os seus argumentos são terminantemente demonstrativos. O resto é a objectividade de um espírito luminoso não, apenas, como esteta, mas como cientista. O livro, numa opulenta edição da Academia Nacional de Belas Artes, contém cento e dezanove reproduções esplêndidas, algumas em tricromia, dos principais padrões de manuelino. O ilustre artista Eduardo Malta fez alguns desenhos primorosos.

Sob todos os aspectos uma obra de alto valor cultural e estético. O autor, na introdução, agradece aos srs. presidente do Conselho e ministro das Finanças, o apoio que deram à publicação.

CULTURA

ESTUDOS CATULIANOS — O POETA LATINO CAIO VALÉRIO CATULO E O ROMANTISMO PORTUGUÊS

por Urbano Canuto Soares

Em prosa forte e ágil, e com inédita e proba documentação, o professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de S. Paulo, dr. Urbano Canuto Soares, estuda proficentemente este assunto de máximo interesse para a nossa literatura do século XIX: «O poeta Latino Caio Valério Catulo e o Romantismo Português». Ao contrário, talvez, do que muita gente pensa, a poesia catuliana exerceu grande atracção e teve alguma influência no lirismo de Garrett e, mais tarde, no espírito de Aires de Gouveia. Neste ensaio magistral—magistral em tudo, e eruditíssimo—o dr. Urbano Soares assim o demonstra. Analisando, a par e passo, as traduções garretianas de Catulo, não nos diz que, de qualquer modo, Garrett experimentasse impulso especial da leitura e tradução desta ou daquela composição do poeta latino. Mas as versões que dela nos deixou, se não as julga perfeitas o dr. Urbano C. Soares, patenteiam que bem entendia e sentia o autor famoso dos «Vivamos mea Lesbia». Catulo—como justamente afirma o seu actual comentador—possuía «uma natureza poética tão individualista, tão rica de originalidades que é bem «a dum grande romântico de há dois mil anos».

Conceito novo, do qual o prof. Urbano Soares extrai uma notável série de considerações que o levam a concluir que, «por isso, poetas do século XIX, como Garrett, o meditavam e de ele recebiam salutares lições». Acentuamos essa opinião expressa do ilustre professor lusitana porque ela, em suma, nos deixa entre-



URBANO CANUTO SOARES

ver uma verdade que nos parece incontestável: —romantismo e classicismo, em poesia pelo menos, não são termos tão antagónicos, tão divergentes como é de uso asseverar-se. Através do tempo, a poesia de cada poeta traz-nos um novo acedre da poesia eterna—e todos esses acordes acabam constituindo a imensa sinfonia das almas que celebram, cantam e desvendam a comunhão do homem e do Universo. Este foi, se bem me recordo, o modo de ver de Stéphane Mallarmé, e creio ser oportuno registá-lo aqui. O dr. Urbano Soares não cremos que esteja longe do critério do discutido ocidente do «Après-midi d'un Faune», artista de rara e maravilhosa sensibilidade, pensador de profunda e penetrante intuição crítica. O trabalho que nos oferece e que desvenda íntima ligação de almas entre Catulo e Garrett, entre as inspirações e a arte convergentes dos dois escritores, em certos momentos de lirismo e de arte, merece leitura atenta e reflexão demorada. Ambos possuíam «o condão de metamorfosear em eternidade o efêmero da paixão amorosa», romanticamente. E prová-lo, confirmá-lo, evidenciá-lo, é o propósito do prof. Canuto Soares,—propósito que inteiramente consegue e nos aponta uma visão inesperada e ampla da poesia de ontem, de hoje e de sempre.

HISTORIA

EL-REI D. MANUEL II NA GRANDE GUERRA

por A. H. Bizarro

A história humanizada, com notas íntimas, gestos confidenciais, «testes» psicológicos no momento de determinada acção, bastidores dos grandes factos—numa palavra, o que não se viu e passou, ou o que se viu, extrinsecamente, mas que na essência não se conheceu ou apreendeu, continua a ser inesgotável, e sempre curiosas. A outra, a grande história, com fachada solene, majestosa de acontecimentos, com monumento para as figuras de relevo, sistematização de factos, ordem cronológica, interpretação crítica, pouco ou nada poderá dizer de novo ao leitor medianamente culto. Sabe-a de cor e, se por acaso, alguma poeira lhe caiu sobre a memória, logo o capítulo, a frase, o nome, a data a acordam. É caso para dizer: as sementes ficam, mesmo quando as flores morrem.

Está agora em voga, no nosso País, o gosto das evocações, interpretações e, sobretudo, rectificações históricas, quase sempre em detrimento de obras de autores, que, pela sua cultura, mentalidade, pujança literária (Oliveira Martins, é um exemplo nítido) deviam estar fora dessa demolidora zona de tufões.

Fernão Lopes, com uma presciência extraordinária, não fez, apenas, uma história de reis, mas, com magnitude, a de um povo—ou melhor a História da Nação. E ainda dentro desses estudos, qual o conceito a adoptar: a objectividade ou a subjectividade histórica? Por outras palavras, devemos analisá-la, imparcialmente, em frio raciocínio, exposição e julgamento, ou filtrá-la através dos nossos pontos de vista individuais, caracterizados sempre por um aspecto cultural, intelectual, racial ou partidário? Evidentemente, a atitude perfeita é a primeira, mas os homens não são deuses que possam abstrair da sua condição, convertendo-se em justiça pura, nítida visão e pensamento rectilíneo. Quase todos os historiadores relacionam intimamente o «ego» com os acontecimentos, mesmo ocorridos no passado. São sempre partidários disto ou daquilo, através de raciocínios onde a realidade histórica tanto se entremostra, como se oculta, num jogo cénico

à Pirandello. Ela, a verdade, não deixa de existir; simplesmente, como lançadeira num tear, vai dum lado ao outro, entretecendo fios de mil cores diferentes. E já agora que estamos a fazer considerações gerais, seja-nos permitido dizer que, em Portugal, só são grandes e bons os que morrem. Enquanto vivos, não há crítica, coima, decurpação, vilania, que não se lhes assaque. Quando Deus lhes fecha os olhos, dá-se como uma reacção—aliás, salutar, e que depõe a favor do carácter da grei. Como que pretendemos penitenciar-nos, e, então, caímos no polo oposto: o elogio ferveroso, a saudade letniva, o sentimento patético. Parece-nos que semelhante pecha é comum aos latinos. Herdamos-la do sangue, como uma tara e já agora não a podemos expurgar.

Isto são considerações gerais, que nada têm que ver com o livro do sr. A. H. Bizarro, «El-Rei D. Manuel II na Grande Guerra». O autor é um médico português que há muito vive em Inglaterra. Tem um espírito curioso, de uma larga erudição. Como quase todos que lidam com as maselas humanas, combatendo a dor, gosta de literatura, de música, de arte. Sem de modo algum perder as suas características nacionais, o autor identificou-se intimamente com a mentalidade e a educação britânicas. Verifica-se isso na sua maneira de escrever. O sr. dr. A. H. Bizarro, que já conhecia de Portugal D. Manuel II, privou com ele muito, em Inglaterra, durante a outra guerra, quando oficial da Cruz Vermelha percorria os hospitais. O seu livro foca mais os grandes médicos, os centros cénicos ingleses dessa época, do que propriamente a figura real. Esta dir-se-ia mesmo um ténue fio para o autor nos contar as suas memórias cénicas. Sobre D. Manuel II pouco ou nada de novo nos diz. Vê-se, porém, a sua admiração pelo monarca, aliás justa. O rei era um homem e um homem um carácter.

O livro não deixa, todavia, de ter interesse. É mais um volume na biografia do monarca, que só, lamentamos seja tão escasso de pormenores.

CIENCIA

MONSERRATE E O CULTO DA NATUREZA

por J. Vieira Natividade

Está publicada a bela conferência que J. Vieira Natividade fez sobre «Monserrate e o culto da Natureza». E dizemos bela porque toda ela é uma rajada de lirismo, de humanismo, em que o autor se não nos surpreende pelos seus dotes literários, pela sua admiração panteísta nos embriaga com o colorido das flores e das plantas, o sussurro das águas, a vida misteriosa dos bosques e das florestas. Vieira Natividade como Arala Pinto, dois mestres de silvicultura, é um poeta da Natureza. Há nele um sentimento sincero de admiração. Dir-se-ia mesmo escutar, compreender o que as árvores dizem, na sua grande partitura sinfónica. Dores, alegrias, confidências, murmúrios, numa pauta, onde se há notas, clangorosas de metais, quando o vento sacode as ramarias, na sua loucura, há também pianíssimos de suave encanto, de extasiante magia.

Vieira Natividade fa-a-nos nos fantásticos jardins de Klingsor da serra de Sintra, especialmente, dos de Monserrate, concílio das essências exóticas e nacionais. É curiosa a sua distinção, que marca, psicologicamente, uma predilecção para a flora rasteira e atormentada das nossas charnecas mais livre e perfumada, que se defende da aridez do solo, da pobreza do humus, da deficiência da água, com folhas duras, silvas e aculeos. De facto, como ele diz, essa flora plebeia que, duramente, exaure de agro a sua seiva, está em contraste com as plantas da penumbra, da humidade, fartas e gordas, ou leves e arendadas que vivem como numa recamara aristocrática. Pode perturbar, na sua volúpia, como as huriis do paraíso muçulmano, ou as muheres do harém de um cheique, mas há nelas o quer que seja de artificial, de cativo, mesmo de mole e decadente. O contraste é bem dado, e quer-nos parecer que é Vieira Natividade quem, pela primeira vez, o formula.

O ilustre botânico e agrônomo, fala-nos de Sintra, comovidamente, achando já odioso o byroniano lugar-comum de «glorioso Edén» quando Gil Vicente, mais expressivamente, o classificou de:

Um jardim do paraíso terreal
que Salomão mandou aqui
a um rei de Portugal.

De facto, isto diz tudo. Por fim, Vieira Natividade descreve Monserrate, que encontrou em Birt, enquanto Francisco Cook, senhor do domínio, percorria o Mundo, recolhendo as mais raras espécies, um verdadeiro «jardineiro poeta» que, em vez de disciplinar as massas arbóreas, livremente as dispersou, deixando-as crescer à vontade, como se na sua visão já palpitasse o encanto misterioso, a imagem sumptuosa e opulenta do notável parque, hoje integrado no património nacional.

«Monserrate e o culto da Natureza» não é obra de um técnico, mas de um escritor admirável que é ao mesmo tempo um espírito de alta emoção e um artista literário que sabe o segredo das cores, o seu valor, e a sua expressão.

MINISTÉRIO DO ULTRAMAR

AGÊNCIA GERAL DO ULTRAMAR

R. de S. Pedro de Alcantara, 81

ÚLTIMAS EDIÇÕES PUBLICADAS

NAÚTICA DOS DESCOBRIMENTOS

Colectanea de artigos, conferências e trabalhos inéditos do **Almirante Gago Coutinho**
Organizada e prefaciada pelo
Comandante Moura Braz — 2 volumes.

HISTÓRIA DA VIDA DO PADRE FRANCISCO DE XAVIER

Edição fac-similada comemorativa do 4.º Centenário do seu falecimento com um prefácio de Álvaro J. da Costa Pimpão—Professor da Universidade de Coimbra — 2 volumes.

NOVOS Discos

HORACIO REINALDO

PM 65 — MENINO NARIGUDO
TOADA P'RA ALEGRAZ

PM 68 — REMEXE NÉGA
PARAN-PAN-PAN

Parlophone

GRAVOU EXCELENTES DISCOS

EST. VALENTIM DE CARVALHO, LDA.
95, R. NOVA DO ALMADA, 99 — LISBOA

CIMENTO SUPER-RÁPIDO

PARA TRABALHOS URGENTES

A sua resistência aos 2 dias é igual á resistência
dos cimentos normais aos 7 dias



Pedir informações a

SECIL — COMPANHIA GERAL DE CAL E CIMENTO
Rua do Comércio, 56, 3.º — Lisboa
Secção de Vendas — Telefone 21369

MINISTERIO DE TRANSPORTES DE LA NACION

Compañia Argentina de Navegacion Dodero

Flota Argentina de Navegacion de Ultramar
SERVIÇO RÁPIDO DE LUXO
para Havre e Londres

PAQUETES { PRESIDENTE PERON, a 3 de Fevereiro
EVA PERON, a 24 de Fevereiro
17 DE OCTUBRE, a 17 de Março

para Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos Aires

PAQUETES { 17 DE OCTUBRE, a 31 de Janeiro
PRESIDENTE PERON, a 21 de Fevereiro
EVA PERON, a 14 de Março

Para passageiros e carga, tratar com os Agentes Gerais
SOCIEDADE COMERCIAL, OREY, ANTUNES & CIA., LTD.
PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, 4

Telegr. «Antunita»

LISBOA

Telef. 2 2271/3

Sub-Agentes no Porto:
SOCIEDADE COMERCIAL OREY & BARROS LEITE, LDA.
Rua Sá da Bandeira, 610



PE 71

ACABA ESTA FAMOSA FÁBRICA
DE APRESENTAR O MODELO QUE
TODOS ESPERAVAM:
BELA APARÊNCIA
TODAS AS ONDAS
OLHO MÁGICO
PREÇO POPULAR
UM LINDO PRESENTE PARA RECÉM-
CASADOS, ANIVERSÁRIOS, ETC.
PREÇO 2.450\$00

NOS REVENDEDORES AUTORIZADOS OU NOS DISTRIBUIDORES

NO SUL: **LEOPOLD SHIROI**
RUA DOS FANQUEIROS, 17/19
LISBOA TELF. 20376

NO NORTE: **ELECTRONIA, LDA.**
RUA 31 DE JANEIRO, 71
PORTO TELF. 25800

PREFIRA OS VINHOS DE MESA

VALBELO



DOMINGO, 25

«EXPRESSO-POPULAR» A'

COVILHÃ

Esc. 92\$50

Partida da estação de Lisboa-Ros-
sio, às 0-15. Regresso á mesma esta-
ção às 23-10.

Inscrição nas «INFORMAÇÕES»
do Rossio. Telefones 33180 e 33187.

Se deseja um maior rendimento
no motor do seu carro equipar
velas "LODGE"

A vela de
ignição
perfeita

LODGE

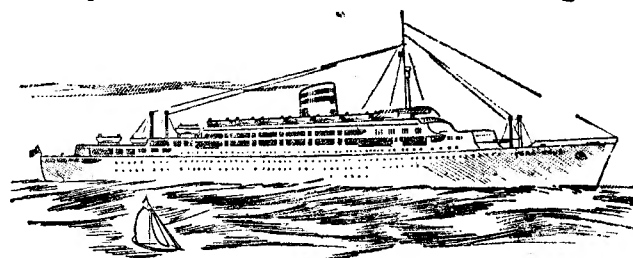
REPRESENTANTES NO SUL

ELECTRO-AUTOMOBILISTA

STAND DE PEÇAS: 55 R. DA GLÓRIA, 99
TEL. 25447
LISBOA

ESTACÃO DE SERVIÇO:
GARAGEM D. JOÃO V.
R. CUSTÓDIO VIEIRA, 4A
TEL. 67046-66697

Companhia Colonial de Navegação



CARREIRA DO BRASIL

PAQUETES	DESTINOS	PARTIDAS (às 12 horas)
«VERA CRUZ» Serviço rápido de luxo Com escala por Funchal	Salvador Rio de Janeiro e Santos	31 de Janeiro
	Rio de Janeiro e Santos	7 de Março 4 de Abril
«SERPA PINTO» Com escala por Leixões Funchal e S. Vicente	Recife Salvador Rio de Janeiro e Santos	PARTIDAS (às 16 horas) 17 de Fevereiro 21 de Março

LISBOA — R. DE S. JULIAO, 63

Telefones n.º 30131 a 30128

PORTO — RUA INFANTE D. HENRIQUE, 9
Telefone 23342



FABRICANTES:
RECONSTRUTORA AUTOMÁTICA, LDA.
PRAÇA DO AREIRO, 5-B E 5-C TEL. 73253-LISBOA

A's classes trabalhadoras

A C. P. tem a disposição dos gru-
pos de trabalhadores rurais, de pes-
cadores, e de operários (mínimo 10
pessoas), uma Tarifa especial para bi-
letes de 3.ª cla. e a preços reduzidos.

CERVEJA E RESPECTI- VAS TARAS EM RETORNO

A C. P. transporta a cerveja e res-
pectivas taras em retorno, em grande
velocidade, ao preço de \$55 por to-
nelada e quilómetro.

Assim, por exemplo, uma remessa
com 340 quilogramas custa apenas:

Lisboa (Jardim) a Faro	66\$10
Lisboa (Rego) a Covilhã	66\$60
Campanhã a Pocinho	42\$30
" a Viana do Castelo	25\$50
Coimbra a Figueira da Foz	18\$40
" a Guarda	42\$50

PIANOS

Verticais e de cauda
ALUGAM-SE

EST. VALENTIM DE CARVALHO, L.ª

95, Rua Nova do Almada, 19
LISBOA



FOGÕES A GÁS
ESKIMO

OS ÚNICOS COM REGULADOR VISÍVEL
DE AQUECIMENTO DO FORNO.

Vende J. COSTA & SILVA, LDA
RUA ARCO DO BANDEIRA, 79 1.º TEL. 26713-LISBOA

Leiam o jornal humorístico
«SEMPRE-FIXE»

Os nossos contos

(Continuação da 12.ª página)

quos, a desconfiança reinava a par do medo e da fome. Só um milagre os poderia salvar. Cheguei ao navio com uma ideia martirizante, mas que de minuto a minuto se fortificava mais. Eu tenho de ajudar aqueles abandonados da Vida. Eu estive com eles, misturado com o seu cheiro nauseabundo da falta de limpeza, das feridas pustulentas e dos farrapos andrajosos.

Nessa noite pouco dormi. Quando me levantei, tinha resolvido pedir entre os oficiais e a tripulação que concorressem com o máximo que pudessem, para ajudar os Salesianos na sua obra de caridade. Lembrei-me de organizar uma festa, cujos artistas seriam as praças do meu navio.

Todos concordaram. Nos olhos desses homens vi brilharem lágrimas que não tiveram acanhamento de mostrar quando expliquei a situação daqueles infelizes.

Homens duros, habituados às intempéries do mar, por vezes violento e revoltado qual algoz pronto a engolir as suas vidas, ausentes meses e anos das famílias, foi neles que encontrei a maior bondade e desejo de cooperar.

Com a ajuda dos camaradas, resultou uma festa alegre e bem desempenhada, festa a que

NA POLÍCIA MARÍTIMA

Homenagem ao capitão do porto de Lisboa

Hoje, de manhã, realizou-se na sala dos agentes da Polícia Marítima a cerimónia do desceramento do retrato do sr. capitão-de-mar-e-guerra João Francisco Fialho, capitão do porto de Lisboa. Ao acto assistiram o sr. capitão-tenente Santiago Ponce, comandante daquela corporação, e os chefes Leopoldo Alves e Baptista dos Anjos e os subchefes Augusto Penetra, Serra e Moura, Manuel Caldeira e Francisco Rodrigues, além de todos os agentes e cabos de mar. O sr. comandante Santiago Ponce, ao afirmar a justiça da homenagem, disse que era ao sr. comandante João Francisco Fialho que se deviam os melhoramentos verificados agora e que ontem foram observados pelo sr. ministro da Marinha. O sr. capitão-de-mar-e-guerra João Francisco Fialho, visivelmente sensibilizado, agradeceu a homenagem promovida pelo comandante e pessoal da Polícia Marítima.

Posse dum engenheiro numa direcção de serviços da C. M. L.

Tomou hoje posse do cargo de director dos Serviços de Urbanização e Obras da Câmara Municipal de Lisboa o sr. engenheiro Almeida Fernandes, cargo este deixado vago pelo sr. engenheiro Ferreira de Aguiar.

A posse realizou-se, às 15 e 30, no gabinete da presidência da Câmara, e foi confidada pelo respectivo presidente, sr. tenente-coronel Alvaro Salvação Barreto.

Aprenda a DANÇAR

Lições á hora com professoras. — Machado — Rua da Palma, 164, 3.º Esq.

POLICLINICA DE ALVALADE

AVENIDA RIO DE JANEIRO, 50-D
Dr. Alves Dias—Assistente do I. A. N. T.—Doen. pulmonares, cirurgia pulmonar, 15 h.
Dr. Amílcar Aristides Caserio—Ast. do H. M. P.—Doenç. ouvidos, nariz e garganta, 16 h.
Dr. Alvares Pereira—Doenç. Crianças, 15 h.
Dr. Artur Fernandes—Doenç. dos olhos, 19 h.
Dr. Artur Novais—Doenç. de e sífilis, 14 h.
Dr. Didio de Aguiar—Agentes físicos, 13 h.
Dr. Ernestina Caldas de Oliveira—Clínica médica, 16 h.
Dr. Fernando Andrea—Aparelho digestivo e doenças ano-rectais, 19 h.
Dr. J. Fragozo Mendes—Assistente da Faculdade de Medicina—Doenç. nervosas, 18 h.
Dr. João Martins da Fonseca—Ast. da F. M.—Doenç. coração, electro-cardiografia, 14 h.
Dr. José França Sousa—Assistente do I. A. N. T.—Clínica médica, 16 h.
Dr. José Manuel de Almeida—Doenças da boca e dentes, 13 h.
Dr. José Maria dos Santos—Análises clínicas.
Dr. Oscar de Campos Fragozo—Ast. da F. M.—Cirurgia geral, rins e vias urinárias, 19 h.
Raios X.

ANALISES CLÍNICAS

AUTÉNTICOS SALDOS !...

de verdadeiros retalhos, são todos os dias vendidos às centenas, na Calçada do Sacramento, n.º 9 (ao Chiado).

OURO, PRATA, JÓIAS E RELÓGIOS

Pu seiras de ouro e jóias modernas a preços sem competência
Ourivesaria Santos Catita, Ld.ª
RUA EUGÉNIO DOS SANTOS, 44

A questão do sulfato de cobre

«Sr. director:—A carta que tivemos a honra de dirigir a V., em 2 do corrente, começava assim:

«O interessante inquérito jornalístico do «Diário de Lisboa», na sua digressão entre os penedos agrestes do Douro, pôs a falar o sr. Antero de Sousa. Convém que V. e os seus leitores fiquem sabendo que, em 11 de Maio de 1952, o mesmo senhor publicou no jornal «Notícias do Douro» afirmações idênticas às produzidas no «Diário de Lisboa» de 17 e 31 de Dezembro último. Simplesmente, tais afirmações foram desmentidas oficialmente e reduzidas a pó, cinzas e nada por extensa e completíssima nota da Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos inserta nos números 71 e 72 de Julho e Agosto de 1952 do «Boletim da Casa do Douro». Portanto, ao voltar agora a servir de eco às mesmas falsidades, o senhor Antero de Sousa fê-lo conscientemente, sabendo que faltava à verdade».

Entendeu, porém, o «Diário de Lisboa» dever cortar este introito suficientemente elucidativo. Solicitamos o favor dele ser publicado agora, para que fique feita a demonstração de que o sr. Antero de Sousa está reincidindo em afirmações desmentidas pelo organismo oficial competente, em Julho e Agosto de 1952.

A mesma carta da C. U. F. terminava desta forma:

«Verificámos que o sr. Antero de Sousa só se encontra bem informado acerca de dois assuntos: A marcha da produção em Angola e a razão alegada pelos estrangeiros para não nos fornecerem o cobre oficial de baixo preço, isto é, a possibilidade de as minas portuguesas o produzirem se entrassem em grande actividade. Efectivamente, logo a seguir à nega de cobre, ofereceram capitais estrangeiros... comando estrangeiro para as minas. Não necessitamos nem duns nem doutros, em que pese ao sr. Antero de Sousa. Dentre os penedos agrestes do Douro surgiu uma voz useira e vezeira em diatribes contra a indústria nacional. Mas os penedos não falam. A física ensina-nos que só dão eco. De quem serão eco neste caso?».

Também este final foi omitido na publicação feita em 3 do corrente pelo «Diário de Lisboa». Torna-se indispensável conhecê-lo para compreensão completa dos intuitos do sr. Antero de Sousa.

Efectivamente, mostra-se agora donde vem o eco, pela transcrição feita por este senhor dum ofício da Comissão Reguladora dirigido a um importador de sulfato estrangeiro, acerca do preço de Esc. 105615 por quilo fixado para cem toneladas de sulfato de cobre inglês em 7 de Dezembro de 1951.

Cem toneladas a pataco, como o bacalhau prometido noutros tempos!

Na sua furia de elogiar o que é estrangeiro e atacar a indústria nacional, o correspondente do «Diário de Lisboa» esquece que é ridículo falar em cem toneladas quando o País consome cerca de 17.000 toneladas anuais de sulfato.

Uma infima quantidade, 170 vezes menor que as necessidades, não podia resolver o problema gravíssimo do abastecimento da viticultura. Seja em preço, seja em quantidade, o que foram essas cem toneladas inglesas em comparação com os benefícios dados à lavoura pela indústria portuguesa?

A C. U. F. acabara de vender, na campanha de 1950-51, 14.844 toneladas de sulfato de cobre português a Esc. 7510 o quilo, sem qualquer auxílio do Fundo de Abastecimento, quando o sulfato estrangeiro, só escassamente conseguido, custava Esc. 13564 por quilo. Já a lavoura esqueceu isto?

Produziu mais 2.898 toneladas a Esc. 9550, preço também muito inferior ao do estrangeiro. E, dessas, transitaram para a campanha de 1951-52 1.796 ton., quantidade que, por si só, foi cerca de deztoito vezes superior à do sulfato inglês indicada no ofício transcrito no «Diário de Lisboa» de 18 do corrente como amostra de «broas» a Portugal.

Além disso, aquele pequenino saldo de 1.796 toneladas de sulfato C. U. F. a Esc. 9550, também por si só é maior que toda a importação do estrangeiro na mesma campanha.

Ninguém serve e defende melhor Portugal que os industriais e trabalhadores portugueses. No que respeita a preços do cobre estrangeiro, já demonstrámos, pelos numeros publicados na nossa carta anterior, que foram sempre mais caros que o cobre português. Também aqui a indústria nacional beneficiou o consumidor.

Para discutir honestamente o problema, é indispensável reduzir todos os preços à mesma expressão de pureza e local de entrega. Aliás, a cotação mundial de Esc. 20500 por quilo de cobre, citada no «Diário de Lisboa», nunca foi efectivamente conseguida para Portugal, e refere-se ao metal na origem, antes de pagar cargas, fretes marítimos, seguros, descarga, direitos aduaneiros e transporte terrestre e fluvial para as fábricas portuguesas. Além disso, não diz respeito a cobre com 100 % de pureza.

Para estabelecer comparação verdadeiramente honesta, reduzimos (na nossa carta de 2 do corrente) todos os lotes de cobre, comprados de várias procedências, às mesmas expressões de pureza (100 %) e local de entrega (fábrica). Provámos que os mais baratos de todos foram e são os lotes nacionais.

O sr. Antero de Sousa, na sua furia anti-portuguesa, teima em desconhecer os factos e deturpar o significado dos numeros, a fim de tentar o elogio do estrangeiro... desse mesmo estrangeiro que se negou a fornecer o cobre solicitado oficialmente por Portugal... e que continua a vendê-lo mais caro que os portugueses.

Irónicamente, ou por falta de respeito, termina o correspondente do «Diário de Lisboa» por igualar nos seus agradecimentos o sr. ministro da Economia aos importadores estrangeiros que, no seu entender, são as únicas entidades a quem se deve o benefício das reduções de preço... realizadas voluntariamente pela indústria nacional!

Este final da carta publicada em 18 do corrente pelo «Diário de Lisboa» é simplesmente espantoso, porque atinge o cumulo da falsidade, da ingratidão e do paradoxo.

Para demonstrá-lo, relatam-se os factos, por ordem cronológica:

a) — Nos jornais de 18 de Outubro de 1952 foi publicada a notícia oficiosa de que, por despacho do sr. ministro da Economia, o preço do sulfato de cobre (tanto nacional como estrangeiro) fora fixado em Esc. 10550 por quilo. Houve o cuidado de esclarecer, nessa notícia, que tal preço equivalia às cotações internacionais que então vigoravam para o produto;

b) — Por sua tabela n.º 24, de 20 de Outubro de 1952, a indústria portuguesa cumpriu o despacho ministerial, adoptando, aliás provisoriamente, o preço de Esc. 10550.

O mesmo fizeram todos os importadores estrangeiros. Porque não reduziram eles voluntariamente os seus próprios preços logo a seguir?

c) — O representante da indústria nacional nos organismos oficiais competentes já havia comunicado oportunamente ao Ministério da Economia a sua opinião fundamentada, relativa à tendência de baixa do cobre e, por consequência, do sulfato.

Sugeriu que o preço fixado de Esc. 10550 não fosse definitivo mas sim máximo, a fim de que a viticultura pudesse vir a beneficiar das baixas que se dessem no decorrer da campanha.

d) — Simultaneamente, para prestígio da indústria portuguesa que tem a honra de representar naqueles organismos, solicitou que se permitisse concorrência livre, isto é, que não fossem criadas dificuldades oficiais à importação de sulfato estrangeiro por meio de pagamento de taxas para o Fundo de Abastecimento.

Ninguém pode negar dignidade a esta atitude.

e) — O Ministério da Economia, em defesa dos interesses da viticultura e do prestígio da indústria, aprovou ambas as sugestões;

f) — Por circular de 10 de Novembro de 1952, um dos principais distribuidores de sulfato de cobre inglês (provavelmente o destinatário das milagrosas cem toneladas a que se refere o ofício da Comissão Reguladora), informava os seus clientes da conveniência de efectuarem compras, naturalmente ao preço então ainda oficialmente em vigor, de Esc. 10550 por quilo, visto que o cobre poderia faltar e os preços subirem — o que era exactamente o contrário da tendência mundial conhecida e já exposta ao Governo pelo representante da indústria portuguesa;

g) — A fim de colocar a viticultura de sobrevivo, evitando-lhe cair no logro de compras a preços de prejuízo, a C. U. F. realizou em 15 de Novembro a sua segunda baixa, desmentindo assim, praticamente, as tendências altistas insinuadas por importadores;

h) — Tentaram alguns destes conseguir que o Governo modificasse a sua política de livre concorrência. Para o efeito, propuseram que fosse fixado para o sulfato de cobre o preço mínimo de Esc. 10520 por quilo, pagando-se para Fundo de Abastecimento a diferença resultante de baixas futuras.

Desta maneira, por proposta de importadores, seria limitada a baixa e anulado o benefício que ela concedia à viticultura;

i) — A proposta daqueles importadores foi repedita oficialmente. Graças à política de liberdade definida pelo Ministério da Economia, a C. U. F. pôde, então, ir realizando novas baixas, à medida da evolução das cotações internacionais.

O preço inicial da campanha data de Outubro de 1952, não vigorou apenas para a C. U. F., foi igual para todos os importadores, e ninguém poderia adivinhar, em Outubro, que ele viria a baixar para Esc. 9520, pela tabela n.º 28 da C. U. F., de 26 de Dezembro p. p.

Em vista do exposto, é inteiramente injusto e falso afirmar-se que a baixa, oficialmente contrariada pelos importadores, foi devida a estes.

A indústria nacional orgulha-se em poder afirmar, sem receio de desmentido, que lhe coube, cabe e caberá a iniciativa deste benefício para a viticultura.

Estamos longe ainda da época de consumo do sulfato de cobre, é cedo para previsões seguras quanto à marcha dos preços... mas quem viver verá!

Que um eco dos importadores acuse a C. U. F. de não ter posto em vigor, logo em Outubro de 1952, o seu preço actual de Esc. 9520 por quilo, é contrassenso económico, má fé ou ignorância completa das realidades industriais e comerciais. Porque não se formula acusação idêntica quer contra a indústria estrangeira e os seus agentes, cujos preços de então eram, também, de Esc. 10550 por quilo, quer contra o Ministério da Economia que os autorizou como máximos?

Na verdade, os agentes do estrangeiro não gostaram das baixas que lhes estragaram o negócio. Porque não conseguiram ajuda do Ministério da Economia para evitá-las, tentam impedir por todas as formas que a viticultura agradeça ao Governo e à C. U. F. as reduções que esta voluntariamente efectuou e irá efectuar ainda.

Por ultimo, uma única resposta de ordem pessoal: O signatário considera-se extremamente honrado por ser, há quase vinte e cinco anos, um dos empregados da empresa de que Alfredo da Silva foi o fundador e o empregado número um. Serve, assim, uma entidade que é cem por cento portuguesa.

Com a mais alta consideração e estima, temos a honra de nos subscrever, de V. etc., pela Companhia União Fabril, Jorge Botelho Moniz, director».

A prisão de Dertinger levou o partido a que ele pertencia a censurar-se a si próprio

BERLIM, 22.—Em resultado da prisão de Georg Dertinger, a seguir irradiado do Partido Cristão-Democrático da Alemanha oriental, o directório deste publica uma moção em que depois de condenar energicamente as actividades do ex-ministro dos Negócios Estrangeiros, reconhece que o partido não deu provas da vigilância necessária para com os elementos «hostis ao Estado» que se infiltraram nas suas fileiras. Georg Dertinger afirma, soube manter e favorecer forças hostis dentro do partido. Com os seus habeis discursos, conquistou a confiança dos cristãos-democráticos sinceros, dissimulou desta forma os seus objectivos. Tinha sido repetidas vezes censurado por causa da sua vida privada e dos seus excessos, mas não deixou por isso de continuar as suas actividades. Entre os seus colaboradores, havia os que se deixavam muito facilmente influenciar do ponto de vista político e moral. Deram assim o flanco aos ataques do adversário. Hoje, vê-se claramente, prossegue a moção, que tais actividades não se podem explicar por insuficiente conhecimento dos homens, mas constituem na realidade uma ligação consciente com «agentes».

O directório do partido faz a si mesmo a censura de não ter empreendido abertamente discussões acerca das «fraquezas pessoais de Dertinger» e de se ter descuidado em apurar energeticamente o seu procedimento político. Ordena ao secretário geral do partido, Gerlad Goettin, «que tome, com a comissão central de inquérito, todas as medidas necessárias para submeter imediatamente todos os funcionários responsáveis do C. D. U. a rigoroso inquérito, na administração do Estado e no próprio partido. Os grupos regionais cristãos-democráticos deverão substituir os actuais cartões de identidade dos seus filiados por outros novos. É dissolvido o grupo cristão-democrático dos funcionários do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Por ultimo, o partido deverá iniciar uma boa propaganda entre os seus membros contra «as ideologias propagadas pelo Imperialismo americano».

O «Neue Zeit», órgão do partido, informa que o secretário de Estado Hans-Paul Ganter-Gilmans, cristão-democrático, não assistiu à reunião em que esta moção foi aprovada. Acrescenta que aquele deve regressar brevemente de uma viagem ao estrangeiro. Constatou de fonte estrangeira que tinha sido preso.—(F. P.).

Explosão misteriosa em Berlim-Frohnau

BERLIM, 22.—Os habitantes de Berlim-Frohnau, no limite Norte da cidade, ouviram ontem uma explosão fortíssima. Com a deslocação do ar, abriram-se muitas portas e janelas em várias casas.

Informação da zona soviética parecem indicar que rebentou uma bomba em Oranienburgo; dizem outras que a explosão se teria dado em Henningsdorf, centro metalurgico ao Norte de Berlim.—(F. P.).

11 mortos e 23 feridos

BERLIM, 22.—Morreram 11 pessoas e ficaram feridas 23 quando uma mina alemã do tempo da guerra explodiu ontem no aeroporto de Oranienburg, segundo anunciou hoje o jornal em língua alemã da Alta Comissão Americana.—(R.).

A epidemia de soluços é desmentida em Recife

RECIFE, 22.—O secretariado da Saúde do Estado de Pernambuco desmentiu ontem as informações publicadas na imprensa acerca duma doença que se caracterizaria por fortes e repetidos soluços e já teria causado a morte de 50 crianças de tenra idade, nos últimos quinze dias. Um informador do secretariado afirmou ao correspondente do jornal «O Globo» que nos últimos quinze dias morreram 8 crianças com menos de um ano de idade, mas todas em consequência de causas normais, da mortalidade infantil.—(F. P.).

OS COLABORADORES DE EISENHOWER

Não está ainda resolvido o caso de Charles Wilson

(Continuação da 1.ª página)

centenas de milhares de dólares ao Governo em imposto sobre rendimento de capitais, no caso de vender as suas acções, está bastante ressentido com a pressão que lhe é feita, não só por parte dos senadores, mas do próprio presidente Eisenhower. Soube-se que os seus argumentos são que a própria sugestão «impugna a sua integridade» e que concordar com ela também iria impugnar a sua integridade. Até agora tem-se recusado a vender as suas acções, ao contrário do que fizeram dois dos seus precedentes no Secretariado da Defesa, James Forrestal e Robert Lowett, ambos milionários.

Uma nota de azedume foi acrescentada ontem à controvérsia, que dura há uma semana, quando os senadores, utilizando os seus direitos constitucionais de aprovar ou não as nomeações para o Gabinete, disseram que nem sequer considerariam a nomeação na comissão ou concederiam uma audição oficial a Wilson até o presidente lhes ter submetido a nomeação dele como secretário da Defesa. Perante a controvérsia, o presidente Eisenhower não incluiu a nomeação de Wilson quando enviou ao Senado as suas nomeações para todos os outros postos governamentais.

Admitindo que Wilson se mantém

firme na sua recusa de vender as acções, a responsabilidade recai agora integralmente sobre o presidente Eisenhower na decisão a tomar, quer de persuadir o Congresso a fazer uma emenda à lei existente ou em escolher outro homem para secretário da Defesa.

Espera-se que Eisenhower torne conhecida a sua decisão muito em breve a fim de que a dissensão que se desenvolveu entre a sua Administração e o Senado não tenha tempo de tomar maiores proporções; mas não existem indícios sobre qual será a decisão.

A demora em conseguir a aprovação de todo o Gabinete poderá impedir a administração de começar a tratar, tão rapidamente como desejava, dos problemas urgentes da política externa.

Entre estes encontram-se delicadas negociações com a Pérsia e a Grã-Bretanha, que se julga estejam no seu ponto mais crucial para se conseguir uma liquidação da disputa petrolífera. Pensa-se que estivesse quase a ser alcançada a liquidação da disputa.

Outro problema imediato é a nomeação de um embaixador para Moscovo, a fim de substituir George Kennan, que teve de sair da capital russa em virtude do Governo soviético o ter considerado indesejável.—(R.).

O provável secretário da Defesa

ATLANTA (Geórgia), 22.—O presidente Eisenhower escolherá o general Lucius Clay para secretário da Defesa no caso de o Senado não confirmar a escolha de Charles Wilson, segundo anunciou ontem o director do jornal «Atlanta Constitution», Ralph MacGill, fazendo notar, todavia, que tal nomeação iria contra a lei que proíbe a um militar de carreira tornar-se secretário da Defesa dentro dos dez anos seguintes à sua demissão ou reforma. O general Lucius Clay foi adjunto do general Eisenhower durante a guerra, e governador militar da Alemanha ocidental até 1949.—(F. P.).

Eisenhower está bem disposto

WASHINGTON, 22.—«Estou muitíssimo bem disposto», declarou o presidente Eisenhower aos jornalistas que conseguiram abeirar-se dele ao findar o seu primeiro dia de trabalho como presidente dos Estados Unidos da América.

Embora só dormisse quatro horas na noite anterior, depois das intermináveis cerimónias oficiais e públicas, o aspecto saudável e vigoroso do novo chefe do Estado americano não desmente as suas palavras.

O gabinete presidencial tinha sido limpo das inúmeras lembranças e artigos de fantasia que ali se foram acumulando durante os anos em que Truman esteve na Casa Branca. O único vestígio da passagem do seu antecessor é uma pequena brochura, encadernada, sobre a mesa de trabalho, que diz: «Relatório sobre o estado da saúde na América».—(F. P.).

O incidente da fortaleza-voadora abatida por «caças» comunistas chineses

sobre a Coreia do Norte

TOQUIO, 22.—O Q. G. das Forças Aéreas do Extremo-Oriente desmente formalmente a informação dada pela emissora de Pequim dizendo que a B 29, que a mesma emissora anunciou ter sido derrubada, teria voado sobre a Manchúria. O avião, acrescenta o Q. G., foi encarregado de largar material de propaganda sobre várias cidades da Coreia do Norte.

Apurou-se, diz ainda, que a B 29 foi abatida por cima da Coreia do Norte, num encontro com 12 caças-bombardeiros inimigos.

O mesmo comunicado informa que a referida fortaleza-voadora foi acompanhada, no desempenho da sua missão, pelas estações de radar aliadas. Na altura em que o aparelho era localizado, por cima de uma cidade—a uns 20 kms. ao Sul do Yalu—, a sua silhueta no «écran» do radar apareceu rodeada pelas sombras de doze caças-bombardeiros comunistas. A B 29 emitiu então um SOS e supõe-se que foi derrubada naquela altura.

Perdeu-se o contacto pelo radar logo depois do aparelho americano ser rodeado pelos aviões inimigos e achava-se então bem localizado—insiste o Q. G.—a uns 20 kms. para o interior do território norte-coreano.

O comunicado conclui que era uma B 29 empregada habitualmente em missões de reconhecimento fotográfico.—(F. P.).

A China e a O. N. U. Explicações de Anthony Eden na Câmara dos Comuns

LONDRES, 22.—O ministro dos Negócios Estrangeiros britânico, Anthony Eden, respondendo a uma pergunta na Câmara dos Comuns, declarou que não houve qualquer discussão entre os governos britânico e americano acerca da admissão do Governo comunista chinês na Organização das Nações Unidas. Segundo o secretário do Foreign Office, o actual Governo inglês, como o seu predecessor, entende que a Grã-Bretanha não deve tomar qualquer iniciativa acerca da entrada do Governo comunista chinês para a O. N. U., enquanto este Governo tomar parte na agressão na Coreia.

O chefe da ala esquerda trabalhista, Aneurin Bevan, perguntou então se não seria preferível, em tais condições, manter vago o lugar da China na O. N. U.; essa decisão, em seu entender, teria podido melhorar a atmosfera em que decorreram as negociações na Coreia. Anthony Eden respondeu que o Governo anterior estudara atentamente o assunto, tendo concluído que não era possível manter vago o lugar da China no Conselho de Segurança.—(F. P.).

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS TEMPORADA DE ÓPERA DO ANO DE 1953 FEVEREIRO-ABRIL

AVISO

A bilheteira continua aberta para a assinatura livre

Dia 25: Venda avulso para todos os espectáculos

PREÇOS: 1.ª RECITAS (NOITE)—ASSINATURA: Cadeiras, 100\$00. Avulso: Cadeiras, 125\$00.
2.ª RECITAS («MATINÉES» CULTURAIS)—ASSINATURA: Cadeiras, 60\$00. Varandas, 15\$00 e 7\$50. Avulso: Cadeiras, 75\$00. Varandas, 25\$00 e 10\$00.

TELEFONE DA BILHETEIRA 21552

Gabinete Técnico de Contabilidade

Revisão periódica de escritas. Exames de Balanços. Avaliação de quotas. Liquidações. Partilhas. Planos contabilísticos. Organização de empresas

RUA DA VITÓRIA, 53-3.º — LISBOA — Telefone 25047

AS JOIAS

Como se compram, também se vendem quando é preciso ou nos desgostamos delas. Se o pretender fazer, ninguém lhe paga melhor do que a

Grande Ourivesaria da Moda

RUA DA PRATA, 257